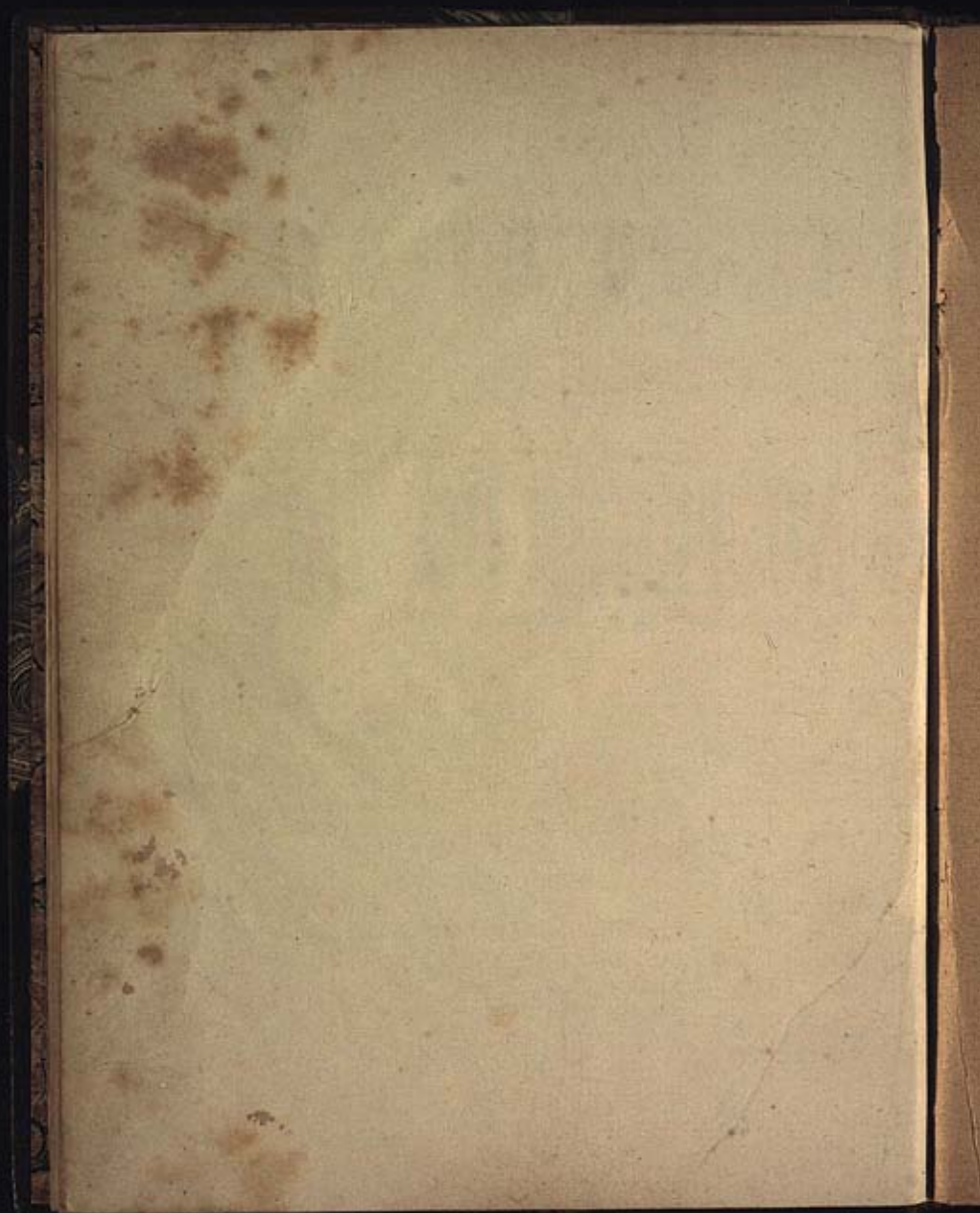


80

NO TEMPO DO REI



NO

TEMPO DO REI



CONTO HISTORICO

POR

MOREIRA DE AZEVEDO



3694

CAPITAL FEDERAL

Livraria de J. G. DE AZEVEDO & C., Editores

33 RUA DA URUGUAYANA 33

1899

863.9549
H 9545 W

Estavão reunidos em uma noite do anno de 1817 diversos individuos em uma casa terrea da rua de São Pedro da cidade do Rio de Janeiro. Conservavão-se fechadas as portas e janellas, que davão para a rua, mas na sala da frente, ao redor de uma mesa, onde descansavão quatro castiças de prata com velas de espermacete, vião-se sentados doze ou treze individuos conversando em voz baixa.

— Deve haver bastante cautella, dizia um, pois anda activo o ministro Thomaz Antonio, cujo faro é perspicaz.

— Entretanto tem as lojas maçonicas caminhado ás claras em Pernambuco, dão banquetes e levantão brindes.

— Assim é, mas sabe o collega o que vaé por lá regougou o outro.

— Que ha, perguntarão alguns ao mesmo tempo.

— Houve uma revolução e proclamou-se a republica, exclamou o sujeito aterrado.

Produziu esta palavra um choque como se uma bala de artilheria houvesse explodido no salão.

— Sim; expulsarão o governador Caetano Pinto, e instituirão um governo republicano.

— Sim, repetirão diversos.

— Em obediencia declaro que propalão ser o irmão Anselmo da Costa, quem divulga o que aqui se passa.

— O que tem de expor em sua defeza, perguntou o presidente ao accusado.

Anselmo levantou-se, cruzou os braços, abaixou a cabeça e não pronunciou palavra.

Vendo que o accusado não tratava de justificar-se ergueu-se o vigilante, pronunciou algumas palavras, que todos ouvirão de pé, e em seguida approximando-se de Anselmo o irmão fiscal, indicou-lhe a porta e disse-lhe:

— Retirai-vos.

Sem praticar acto algum de violencia, sem pronunciar uma só palavra, lançando um olhar de colera sobre seu denunciante, tomou Anselmo o chapéo, abriu a porta e sahio.

— Havendo-se dado este triste incidente proponho o encerramento da sessão, disse o presidente.

Approvada semelhante resolução levantarão-se todos, e feita a devida venia retirarão-se. Apenas ficou um chamado Luiz Prates, que alli residia, e que depois de examinar se a porta ficara bem fechada, apagou as luzes da sala e recolheu-se ao interior da casa.

Convem travar relações com alguns dos individuos, que acabamos de ver reunidos na casa terrea da rua de S. Pedro.

Era um delles Luiz Prates, homem de cincoenta annos de idade, alto e corpulento. Vestia calção de ganga amarella, meias brancas, sapatos de entrada baixa com fivellas, casaca e collete de panno azul, trazendo atada a uma das casas do collete grossa corrente de ouro do relógio com tres ou quatro sinetes pendentes. Era empregado do arsenal da guerra ou do Trem, como então se dizia.

Já dissemos que o irmão despedido da loja chamava-se Anselmo da Costa.

De estatura mediana contava Anselmo trinta annos de idade, tinha as pernas um pouco arqueadas e vivia do fóro.

Trajava casaca cor de pinhão, calções da mesma cor, collete preto, meias e sapatos de fivellas.

Havia um outro chamado Eduino Maia, moço de 20 annos, esbelto, de physionomia franca e sympathica, e de character alegre e expansivo.

Usava de calções e collete de cor escura, casaca de

belbutina-parda, meias e sapatos de fivella. Era empregado da alfandega.

Havia mais nove ou dez individuos, dos quaes não mencionaremos os nomes, nem outras particularidades, pois não tem de figurar nesta narrativa historica.

Corridos alguns dias depois daquella reunião clandestina, dirigiu-se Anselmo da Costa á residência do ministro Thomaz Antoujo na rua dos Invalidos, e fez-se annunciar pelo mordomo da casa.

Introduzido na sala de espera, appareceu, apóz alguma demora, o ministro trajando casaca de panno cor de vinho, calções da mesma cor, collete azul, meias e sapatos com fivellas de ouro, grossa corrente de relógio, gravata branca e bastante alta, e quer o peito, quer os punhos da camisa ornados de babadinhos crespos.

Era costume de Thomaz Antonio não apresentar-se á pessoa alguma senão decentemente vestido.

— Que deseja, perguntou-elle a Anselmo.

— Venho fazer a V. Ex. uma revelação importante.

— Dirija-se então para alli. E indicou-lhe um gabinete, que communicava com a sala.

Neste aposento, cuja porta, assim comò as da sala de recepção, erão veladas por grandes reposteiros de lã azul com cordões e borlas encarnadas, havia uma linda secretária com bellos lavores de madeira trabalhados pelo insigne artista brasileiro Valentim, e seis cadeiras e um canapé de jacarandá com espaldar e assento de couro lavrado obra do mesmo artista.

Vinha Anselmo envolvido em um capote de panno de cor cinzenta.

Acompanhando o seu visitante apresentou-lhe o ministro uma cadeira, e sentou-se em outra.

— Falle, estou às suas ordens, disse Thomaz Antonio.

— Communico a V. Ex. que está installada em uma casa da rua de S. Pedro desta cidade uma loja magonica.

Tornou-se Thomaz Antonio muito attento, quiz ficar sciente de todos os pormenores, dos nomes dos congregados, suas occupações, residencias, dias de sessões, questões apresentadas em discussão, e logo que ficou de tudo informado, disse ao seu interlocutor.

— Bem, agradeço-lhe o serviço que acaba de prestar ao governo de el-rei nosso senhor, que saberá recompensal-o.

Cortejando respeitosamente ao ministro retirou-se Anselmo contente com a promessa, que acabara de ouvir.

Na noite desse mesmo dia ficou um batalhão de promptidão no quartel do campo de Sant'Anna, hoje praça da Republica, collocarão-se sentinellas nas ruas que cortão a de S. Pedro, e um pelotão de soldados cercou a casa de Luiz Prates.

Encarregado da diligencia o tenente Gordilho ao amanhecer bateu á porta da casa, e ordenou que em nome de el-rei fosse aberta.

Appareceu Luiz Prates, que residia só com dous

escravos seus, e immediatamente recebeu ordem de prisão. Revistada toda a casa, trastes e utensilios nada encontrou a autoridade de suspeito, apenas um triângulo de metal, que parecia pertencer á maçonaria.

Receiosos do caracter vingativo e traçoeiro de Anselmo, haviam seus companheiros transferido de outra casa as suas sessões levando os emblemas e livros da maçonaria.

Luiz Prates foi conduzido para uma das prisões da fortaleza da ilha das Cobras.

As sentinellas postadas nas esquinas das ruas, o cerco á residencia da Luiz Prates, e a prisão desse cidadão pacífico e honrado causarão sensação na cidade, assustou-se o povo, e apesar do receio, que havia dos mações ou pedreiros livres, tidos como homens que conversavão com o demonio á meia-noite, ninguem julgou-se livre de qualquer perseguição. Propalou-se que não fazer-se outras prisões, que corrião varias denuncias, e que a maçonaria seria atrozmente perseguida. Tratarão os mações de occultar-se, afastando-se da cidade, e deixando muitos de frequentar as lojas.

Informado de que existião no proprio paço real fidalgos filiados á maçonaria, procurou Thomaz Antonio persuadi-los a abandonar semelhante associação. Alguns o fizeram, outros mostrarão-se mais recalcitrantes, tendo o ministro de recorrer á autoridade do rei.

Admoestados por D. João VI resignarão as insignias maçonicas os camaristas marquez de Angeja e o conde de Paraty.

Confessando-se arrependidos de haverem pertencido à semelhante associação, para patentear a sua contricção e adhesão á vontade absoluta do rei, offereceu um delles toda a sua baixella de prata para as urgencias do erario regio, e comprometteu-se o outro a fazer o serviço semanal do paço revestido de habito e cordão-de irmão da ordem de S. Francisco!

De feito de habito talar e cordão pendente andou sete dias o conde de Paraty nos salões do paço de S. Christovão, a contento do carola e astuto D. João VI, e exposto ao riso e galhofa da criadagem, que nesse tempo atopetava a residencia real.

Desse modo ridiculo e improprio provou o fidalgo que abjurara a maçonaria, cahindo nas boas graças do rei, seu amo e senhor. (*)

Estava Eduardo Maia na rua Direita, hoje 1.º de Março, quando vio passar escoltado por soldados o seu amigo Luiz Prates.

Commoveu-se e irritou se tambem, pois comprehendeu quem fóra o denunciante. E no mesmo instante vio resvalar junto de si, um individuo envolto em capote de panno cinzento e de golla alta, que occultava quasi todo o rosto, mas apezar disso, reconheceu-o e tomando-lhe do braço disse-lhe.

— E's um infame.

— Veja como se expressa, Sr. Eduardo.

(*) E' facto tradicional.

— Repito, és um traidor, um denunciante, mas has de pagar, e apertou-lhe com força o braço.

— Deixe-me, retorquio o miseravel aterrado.

— Vai espião e Deus te castigará.

E largou o pusilamine Anselmo, que tremia como se diante de si visse já alguma arma erguida.

E apressado afastou-se o traidor, e foi seguindo a escolta dos soldados até ao arsenal de marinha, onde o preso embarcou para a ilha das Cobras.

Residia no becco da Fidalga Antonio Gonçalves, casado com Maria de Souza e pae de Alice.

Tinha Alice olhos vivos, bocca pequenina, nariz afilado, dentes miudos, cabellos bastos, e corpo engracado e bem cinzelado. Se era encantadora a belleza do seu semblante, os contornos elêgantes de suas formas fascinavão.

Seu pae era ajudante do almoxarife do paço da cidade. Quando apresentava-se com a sua casaca azul agaloada de prata, seus calções encarnados, meias de seda e chapéo armado, tomava um ar grave e imponente, e de toda a visinhança recebia cumprimentos.

Erão naquelles tempos muito considerados os creados da casa real, qualquer que fosse sua cathogoria. Submisso ao governo absoluto consagrava-lhes o povo temor e respeito. Especialmente pela maldita lei das aposentadorias, vivião inquietos os habitantes da cidade, pois não podia ninguem julgar-se seguro na casa que habitava. Se era cubigada por algum creado do paço, dirigia-se este ao juiz aposentador e indicava-lhe e predio que escolhera. Enviava o magistrado um meirinho á casa indicada, o qual immediatamente escrevia com giz na porta as lettras P. R., principe re-

gente, que o povo em galhofa traduzia pela phrase *ponha-se na rua*. Mudava-se o proprietario e o fidalgo, creado do paço, aboletava-se ou aposentava-se muito a seu gosto.

Gosavão de semelhante regalia só os creados de elevada jerarchia, mas tambem os de menor graduacão em geral residião nas dependencias dos palacios reaes, e alguns se não tinham casa paga pelo bolsinho do rei, erão alimentados pela ucharia da casa real.

Collocada no pavimento terreo do antigo convento do Carmo, que foi absorvido para accommodaçoes da familia real, quando fugio de Portugal para o Brazil em 1808, era a ucharia do paço da cidade um grande sorvedouro dos dinheiros publicos. Havia alli comida em profusão; alli não fornecer-se de viveres muitos creados, e alguns se não tinham rações em generos, recebiam-nas em dinheiro.

Os fidalgos aposentados nas casas, que haviam requerido; erão obrigados a pagar aluguel ao proprietario, mas muitos não o fazião, e ai do proprietario, que recalcitrasse; esperava-se a cadeia ou o degredo.

Recebiam outros fidalgos em certas festividades da capella real brandões de cera, e alguns até do paço trazião fazendas de seda e linho para seu uso particular.

Qualquer creado da casa real julgava-se um potentado; e até os de baixa classe, quando percorrião as ruas a cavallo, não em disparada, atropelando o povo, que, com o seu bom senso, appellidava-os de tranca-ruas.

Sabia do erário o dinheiro para toda a despeza da casa real, o rei não tinha dotação, gastava o que queria, sem limite, nem ordem na distribuição das quantias.

Repetidas vezes viu Eduardo Maia a filha de Antonio Gonçalves nas missas matutinas como então era uso, nas festiuidades religiosas, nos fogos de artificio, e em outros divertimentos proprios do tempo.

Uma das festas populares era a do Natal, que estendia-se de 25 de dezembro a 6 de janeiro seguinte. Começava pela missa do gallo celebrada á meia-noite de 24 de dezembro, e continuava com a exposição de presepes e cantatas da noite de Reis. Armavam-se diversos presepes em differentes pontos da cidade, porem os mais importantes eram os da ladeira de Santo Antonio, o das religiosas da Ajuda, e o do conego Felippe no morro do Livramento.

Logo depois da noite do Natal começava a percorrer as ruas e visitar as casas a folia dos Reis composta de moços vestidos de calções e jaqueta branca, chapéo de palha com fitas pendentes e sapatos com fiavelas douradas. Cantavam e dansavam ao som de tambores, flautas e pandeiros, colhendo esmolos para as solemnidades da igreja.

Levava um delles o estandarte com a imagem do Menino Deus, que era exposta em todas as igrejas á adoração dos fieis. Colhiam os foliões abundantes esmolos, e nas casas em que eram admittidos, encontravam mesas repletas de iguarias e doces.

Concorrendo á missa do gallo na igreja da Lapa dos Mercadores, á rua do Ouvidor, encontrou-se Eduardo com Alice, e durante a cerimonia religiosa tiveram os dous namorados occasião de trocar muitas palavras de amor. Acompanhou a moça quando esta regressou á casa, e vendo-a entrar repetio a quadra de uma balada, então em voga, que dizia assim:

Em S. Bento deu uma hora,
No Collegio deram duas,
Vede que horas são estas
Que eu por ti ando nas ruas.

Chegou Alice á janella do sótão, e atirou-lhe com uma flôr que trazia presa ao pente, que atava-lhe os cabellos.

Apanhou o moço a flôr, beijou-a, e collocando-a na lapella da casaca, retirou-se satisfeito.

Alice fechou a janella, e recolheu-se para repousar, ou antes para pensar no idolo do seu coração.

Vivendo apaixonado pela formosa Alice não havia festividade ou passeio a que ella fosse, que elle não se apresentasse tambem.

Residia em uma casa de porta e janella no hécco do Gulindaste, hoje travessa do Dr. Costa Velho, a velha Quitéria, que era a portadora das cartas, flores e, presentes dos dous amantes.

Usava Quitéria de saia de lila preta, mantilha da mesma cor, que presa ao alto pente, que atava-lhe os cabellos, descia quasi até aos pés, sapatos de duraque, e pendente da cintura um comprido rosario de contas brancas e pretas. Esmolava pelas casas, não por necessidade, pois possuia uma escrava, que costurava calças e camisas, que trazia dos algibebees existentes junto á igreja da Cruz, e por isso chamavão-se costuras da Cruz.

Amiudadas vezes ia a velha á casa de Antonio Gonçalves, e ahí, além de receber á esmola do costume, informava-se dos passeios de Alice, e levava a Eduardo as cartas e recados, que ella lhe pedia.

Em todas as casas de suas devotas, isto é, daquellas que soccorrião-lhe com esmolas, narrava e colhia novidades, e assim era sabedora dos segredos de muitas familias

Aproximava-se a festa do Espirito Santo celebrada

nesses tempos com extraordinaria pompa nas Igrejas de Santa Rita, Santa Anna, Matapereos, hoje Estacio de Sã, e no convento dos Carmelitas.

No campo de Santa Anna, hoje praça da Republica, armavão-se barracas de madeira e lona, onde havia danças de velhos, de jardineiros, theatros de bonecos, magicas, exercicios gymnasticos, sortes, doces, comidas e brinquedos.

Semanas antes era a festividade annunciada pelos foliões; rapazes trajados com calções vermelhos e galão dourado, collete de seda branca, meias, sapatos de fivelas, e chapão de feltro de copã alta, abas largas e ornado de fitas.

Levava um delles de vestimenta mais garrida o estandarte de cor encarnada, tendo estampado no centro o emblema do orago da festa, assim como tambem na parte superior um pombo prateado de azas abertas atufado em milhares de fitas de diversas cores.

Acompanhavão os foliões dous irmãos da irmandade do Divino revestidos de opas vermelhas, trazendo um uma vara e bacia de prata para recebimento das esmolas, e conduzindo o outro pela mão o imperador, menino de dez ou doze annos, trajando casaca e calção de velludo, collete de seda branca, meias, sapatos de fivelas e chapéo armado.

Percorrendo as ruas ao som dos instrumentos entravam os foliões em diversas casas, onde cantavão e dansavão, repetindo versos adequados á festividade.

Erguião-se junto da igreja de Santa Anna, demo-

lida para dar espaço á estação central da estrada de ferro, o coreto ou *imperio* do imperador, um ou dous coretos de musica e o palanque do leiloeiro, todos elles ornados com cortinas de damasco e renda e illuminados á noite com copinhos de cores.

Em frente do *imperio* fluctuava sobre alto mastro o estandarte do Espirito Santo.

O leilão das ofertas, as fogueiras de cabeças de alcatrão espalhadas pela praça, os fogos de vista, os repiques de sinos, a musica dos coretos, a romaria popular, a multidão agglomerada na praça, as exclamações e gesticulações dos barraqueiros, apregoando suas quinilharias e divertimentos, os milhares de mercadores offerecendo a venda fructas, aves, doces e acipipes, davam a esta festa popular grande animação e alegria, e assim prolongava-se até o dia de Sant'Anna.

Nes noites de fogos de vistas era maior a concurrencia popular. Aholetavam-se as familias em esteiras de palha éstendidas pelo campo apreciando os petiscos que compravam; outras visitavam os divertimentos, e ao som da musica, de vivas e bravos ao artista pyrotechnico, ou de assobios e vaías, quando falhava qualquer peça, divertiam-se até alta hora da noite, pois só muito tarde começavam a arder os fogos de artificio.

Agradava ao paladar do povo o leilão das prendas offertadas ao Divino, e era feito, como já dissemos em um palanque proximo da igreja, e por individuo dado a galhofas e bregeirices.

Ja quasi todas as noites ás barracas do campo a

familia de Antonio Gonçalves, e alli encontrava-se com Eduardo, avisado antecipadamente do passeio pela velha Quiteria.

Approximava-se a familia de Antonio Gonçalves do palanque do leiloeiro, quando este apregoava um lindo ramilhete de flores do seguinte modo.

— Affronta faço que mais não acho, se mais achara mais tomara, dou-lhe uma, dou-lhe duas, uma maior, outra menor. Quanto dão por este ramo?

Lançou cada um a sua offerta, porém Eduardo cobrio o maior lanço.

— Dou-lhe tres, dou-lhe tudo de uma só vez, bradou o leiloeiro, batendo com o martello na mesa, que tinha em frente de si, e entregando o ramilhete a Eduardo, que offerton-o immediatamente a Alice.

Não passou isso desaperecebido a Antonio Gonçalves, que já fizera reparo na presença do moço em todo o lugar, em que elle se dirigia com a familia.

Fransio o velho a testa e comprimentando ligeiramente o mancebo, afastou-se d'alli com a mulher e a filha.

Em caminho disse a sua companheira.

— Anda a menina com um namorico, que me não agrada, é preciso dissuadi-la.

— Não seja impertinente, retrucou-lhe a mulher.

— Mas não gosto de semelhante moço.

— Cale-se que Alice póde ouvir.

— Vamos assistir ao theatro de bonecos, papai, perguntou Alice, que ia um pouco adiante.

— Vamos, respondeu o velho, e começou a sorrir.

Correram assim mezes vivendo os dous namorados nesse ênlevo de esperanças, risos, surpresas e encantos, que constituem a vida dos que se amam.

A alguns amigos referira Eduardo o amor, que consagrava á filha do ajudante do almoxarife, manifestando desejos de casar-se.

Abrija-se, entre outros, com o major Mello, commandante do regimento dos pardos, e esse bom homem approvava os seus projectos.

Era o major amigo de Antonio Gonçalves, e encontrando-se um dia com este na missa da igreja da Cruz, dissera-lhe:

— Conhece o Eduardo Maia, empregado da Alfandega?

— Muito, e vejo-o quasi todos os dias, acrescentou o velho sorrindo.

— E' moço morigerado.

— Consta-me que sim.

— Bom empregado publico, tanto assim que residindo em Catumby não falta um dia á repartição.

Não havendo naquella época meios facéis de conducção, não havendo apparecido ainda nem os omnibus, nem as gondulas, nem as diligencias, existindo apenas as seges dos particulares, acontecia que quasi todos os empregados publicos residião nas ruas centraes da cidade.

Raro era aquelle que morava em lugar mais distante, e então ou vinha a cavallo, ou necessitava ser

ha tantos entre os mais illustres e distinctos membros da sociedade?

— Talvez assim seja, mas não tenciono, major, dar a mão de minha filha a um revolucionario, a um...

Bem, interrompeu-lhe o amigo, não desejo contraria-lo mais. E eis a missa que vai entrar.

De feito appareceu o parochio seguido do acolyto, e ajoelhando-se junto do altar, o mesmo fizeram os dous amigos na nave da igreja enquanto partião do coro os sons harmoniosos do orgão.

Costumava D. João VI passar todos os annos alguns dias na fazenda de Santa Cruz, onde mandou reconstruir o antigo collegio dos jesuitas, transformando-o em palacio e mobiliando-o com luxo.

Quando fazia o rei a viagem á Santa Cruz era interessante ver o prestito real. Na frente iam dous cadetes de cavallaria como batedores, e em seguida desfilavão as seges dos veadores, guarda-roupas, damas, camaristas, do cirurgião da real camara, do confessor real, e logo após a traquitana de el-rei de caixa dourada e forrada interiormente de damasco encarnado. Fechava o prestito um piquete de cavallaria. Raras vezes acompanhava-o nesse passeio sua mulher a rainha Carlota.

Ordinariamente usava D. João calções e collete de panno preto, casaca de saragoça ou de panno azul, meias de seda e fivellas de ouro nos sapatos. Pendente da casaca trazia um crachat de prata com as tres cruzeiras das ordens militares de Christo, Aviz e Santiago, e em baixo desta a da Torre e Espada. A grã cruz destas quatro ordens via-se pendente de uma só fita.

Quando andava de carro trazia sempre o chapéo á cabeça e não o tirava a ninguem. Junto de sua traquitana cavalgava o seu creado particular Thomaz Carneiro.

Em dias de gala ostentava a cabelleira empoada corrida para o alto da redonda cabeça, donde cahia a^o

longo das costas em rabicho, depois de repartida em dous canudós para cada uma das temporas. Trajava calções de cachemira branca, collete da mesma fazenda, casaca azul ou vermelha, tendo no peito a ordem do tosão de ouro, meias de seda muito finas e fivelas com brilhantes nos sapatos.

Era homem de baixa estatura, de pernas um pouco grossas, pés e mãos pequenos, rosto avermelhado e largo, faces nedas, barba raspada e labios grossos e pequenos. Quando os dentes incisivos superiores levantavão a ponta do labio davão a bocca a expressão de uma bonomia imperturbavel.

De calções e meias usavão todos os creados da casa real, assim como de farda direita de panno azul oclada de galão de ouro, prata ou de retroz conforme a sua categoria, e de chapéo armado, que os lacaios collocavão atravessado.

Compunhão a guarda real os archeiros de farda vermelha, collete azul com vivos brancos, calções com galão amarello, espada, lança e chapéo armado com galão branco e debruado de branco.

Era D. João homem instruido, conhecia o latim, o francez, hespanhol, historia e mathematicas, mas mui modesto, não ostentava seus conhecimentos. Prudente e dissimulado ouvia a opinião dos seus conselheiros, porém era mui reservado em manifestar a sua. Affavel e lhano tratava bem a to los, e não perseguia a ninguem. Se era commedido em suas expressões, era generoso com seus inimigos, e a unica manifestação, que dava

quando acontecia encontrar-se com elles, era franzir o rosto e não lhes fallar. Mui religioso ouvia todos os dias missa em seu oratorio particular, confessava-se amudadas vezes, e sempre, que o fazia, mandava celebrar missa em seu oratorio privado, e ahi commungava. Era seu confessor privativo o bispo que foi do Maranhão, D. frei Joaquim de Nazareth, e no impedimento deste outro sacerdote de sua confiança; mas tinha um confessor regio, nomeado por decreto, que o ouvia de confissão na capella real, e era o religioso franciscano frei Joaquim. Dizia-se mal desse frade, e propalava-se que por isso mesmo o rei o escolhera para ver se assim elle se corrigia, e melhorava de conducta.

Assistia D. João a todas as festividades da capella real e a algumas de outras igrejias; era perito no canto chão.

Levantava-se cedo, e logo que faziam-lhe a barba e ouvia missa, ia para a mesa do almoço, e dalli seguia em geral para a sala do conselho dos ministros, onde demorava-se até ás duas horas. Passava-se depois para a sala do jantar. Não bebia vinho, nem licor de qualidade alguma. De tarde sabia a passeio.

Havendo fallido o conde da Barca foi modificado o ministerio tomando conta da pasta do reino e casa de Bragança o chancellec Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal.

Alcançou este ministro a confiança intima de D. João, que com elle entretinha constante correspondencia, ouvindo o em quasi todos os negocios. Quando escrevia-lhe assignava-se João Carlos.

Nascera Thomaz Antonio em Portugal em 1755; e fora seu pae um advogado de pouca fortuna. Tendo occupado o cargo de corregedor foi nomeado desembargador da relação do Porto com exercicio na casa da supplicação de Lisboa. Transferido oficialmente paraahi foi mais tarde nomeado fiseal do erario regio, e por sua habil administração conseguiu melhorar as finanças e cobrir o deficit. Passou a desembargador do paço, o que causou inveja e desgosto não só por ser elle o desembargador mais móço, como tambem por ser filho de um pobre advogado da aldeia. Tinhao-lhe ogerisa os antigos fidalgos, e mais de uma vez procuraram intrigal-o. Elevado a chancelier-mor do Brasil e a ministro de estado, maior rancor consagraram-lhe os fidalgos.

Residia Thomaz Antonio, na rua dos Invalidos, como já dissemos, na chacara da esquina da rua do Senado. Pertencia essa casa ao medico do paço Vieira, depois barão de Alvaizere, valido do rei, que della lhe fizera presente. Existira ahi no tempo dos vica-reis um asylo para invalidos, donde proveio o nome da rua.

Apezar de merecer do rei toda confiança não abusava Thomaz Antonio de sua posição, não intrigava ninguem, mostrava-se obediente, respeitoso, firme e calmo em suas opiniões.

Na época de que escrevemos, desejando D. João passear á fazenda de Santa Cruz, fallou a Thomaz Antonio.

—Seria conveniente, meu senhor, respondeu o ministro, desistir este anno de semelhante passeio.

—Porque, perguntou o rei franzindo a testa.

—Não foi incluída no orçamento a despesa necessária para esta jornada.

—E porque houve essa lacuna?

—As dificuldades financeiras, o deficit...

—Bem, mande chamar o Targini.

Depois de beijar a mão do rei, fez-lhe o ministro profunda cortezia e sahio.

Corridas algumas horas apresentavã-se na sala do paço o Targini, visconde de S. Lourenço, thesoureiro-mór do erario regio.

Avisado el-rei appareceu logo, e communicou ao thesoureiro a observação do ministro.

Não sendo affeiçãoado a Thomaz Antonio aproveitou-se Targini da occasião e disse.

—Não dá importancia, meu senhor, ao que disse o Sr. Thomaz Antonio; vá para Santa Cruz, que não faltará dinheiro no erario para esse passeio; e se faltasse tenho amigos, que não me deixariam ficar mal perante vossa magestade.

Sorriu-se o rei, e tendo o Targini de retirar-se deulhe a mão a beijar.

Immediatamente expediu o thesoureiro-mór ordens para ser fornecida a quantia necessaria para o passeio do soberano.

No dia seguinte partiu D. João para Santa Cruz sem participar ao seu ministro Thomaz Antonio.

Procedia assim o governo absoluto. Não tendo o rei dotação limitada ou pensão do Estado, gastava quanto

queria, e todas as suas despesas eram pagas pelo erario publico.

Exorbitantes eram as despesas da casa real, especialmente as da fcharia, mantearia, cavallariças, e outras e todas pagas pelo erario. Além disso quando necessitava de qualquer quantia extraordinaria mandava o rei buscar-a ao erario pelo seu thesoureiro particular, sem que houvesse da parte dos empregados a menor observação. Acresce que dos brilhantes recolhidos ao erario, os de maior quilate e melhor agua,ião para o monarcha, que os guardava para si. E quando casava as filhas era do erario que vinham as joias, os brilhantes, que desejaya offertar-lhes.

Santissimos tempos do absolutismo, ainda hoje tão elogiados por alguns!



VII

O rei foi recebido em Santa Cruz com ropiques de sino, salvas e foguetes do ar, estando alcatifado de folhas de mangueira o terreno desde o portão da entrada até o palacio. Descendo da traquitana de chapéo na cabeça atravessou D. João por entre os fidalgos e creados da casa real, que formando alas, curvavam os joelhos para beijarem-lhe a mão. Entrou na capella, que estava ornada com luxo e illuminada, ajoelhou-se sobre uma almofada de velludo, fez curta oração, e subindo para a tribuna sentou-se para assistir ao te-deum.

Compareceram ao acto o mordomo do palacio, os seminarios e todos os fidalgos e creados da comitiva real.

Alguns dias depois mandou o monarcha chamar o ministro Thomaz Antonio, que apresentou-se vestido de casaca vermelha direita com bordaduras nos canhões e na golla, calções de casimira branca, collete da mesma fazenda, sapatos com fivellas de ouro e chapéo armado com presilha dourada.

Vestia o rei a sua casaca usual, calções, meias e sapatos com fivellas.

Admittido o ministro no gabinete de despacho não fallou-lhe D. João da viagem á Santa Cruz, nem ousou tambem o ministro referir-se a este incidente.

— Mandei-o chamar para saber o que há de novo, disse-lhe o rei.

— Recebi agradáveis noticias da capitania de Pernambuco, onde a revolução foi soffocada.

— Estimo muito.

— Vieram officios relatando a prisão e execução de diversos revoltosos.

— Haverá por semelhante motivo solemne te-deum na capella deste palacio, acrescentou D. João.

— Felicito a vossa magestade em nome da nação por tão assignalado triumpho. E aproveito a occasião para lembrar ao meu senhor uma medida urgente.

— Qual é?

— Para os terriveis acontecimentos revolucionarios, que occorreram em Pernambuco, contribuíram os clubs maçonicos do Paraíso, do Suassuna e do Cabo. Aqui, como vossa magestade não ignora, vão tambem apparecendo reuniões maçonicas, e convem providenciar em quanto é tempo.

— Pensa bem.

— Lembrava a necessidade de um alvará com força de lei condemnando não só a maçonaria e todas as sociedades secretas, como os livros e quaesquer outras instrucções impressas ou manuscritas relativas á semelhantes sociedades.

— Approvo a idéa e mande lavrar o alvará para eu assigna-lo.

— Vou cumprir as ordens de vossa magestade.

Retirou-se Thomaz Antonio para uma sala proxima,

enquanto o rei começou a passear pelo gabinete com os braços atrás das costas, como costumava.

Em quanto redigia o ministro o terrível alvará, e o rei passeava, dirigia o reposteiro da camara Francisco da Silva finezas a uma dama do paço, que passeava no jardim chamado Carralinho.

— Comprimento a V. Ex. que com a sua belleza realça mais a grandeza e o brilho deste palacio.

— E' muito lisonjeiro.

— Não, minha senhora, elogiando as graças de V. Ex., pôr mais que diga, fico sempre distante da verdade.

— E agora está tão afastado della!

— Estando perto de V. Ex. estou junto de todas as perfeições, de todos sentimentos puros e verdadeiros.

— Então é porque acarreta-os consigo mesmo.

— Não será antes porque elles se irradião de V. Ex. para mim?

— Julgo que o senhor vê mal.

— Pode ser em presença de tanta luz. E mui-alegre estou pela noticia que tive hoje.

— Qual.

— Tenciono el-rei demorar-se algumas semanas neste palacio, onde terei o prazer de gosar da presença de V. Ex.

Estando lavrado o alvará comminando penas severas contra as sociedades secretas levou-o o ministro ao rei, que lendo-o assignou logo.

— Agradeço a bondade e promptidão com que vossa magestade attendeu a minha observação sobre os ma-

cons, disse o ministro recebendo o alvará. Vou envia-lo para a cidade. E beijando a mão do monarcha sahio.

Dera Francisco da Silva o braço a dama com quem passeava no jardim, e encaminhando-se para o paço chegou ao primeiro pavimento, quando descia o ministro as escadas.

Percebendo ruído de passos disse a dama a Francisco da Silva.

— Não convem que me vejam aqui.

— E deixando o braço do amante occultou-se em um dos quartos do pavimento terreo do paço. Encontrando-se com Francisco da Silva perguntou-lhe o ministro.

— Conhece algum creado diligente da casa real, que possa levar um officio á côrte?

— Conheço o Braga.

— Peço-lhe o favor de manda-lo vir á minha presença.

Comparecendo o creado deu-lhe o ministro o officio, ordenando-lhe que entregasse com urgencia na chancellaria-mór do reino.

Partiu o creado immediatamente para a cidade. Em quanto esse homem corre a cavallo a toda brida levando o decreto de condemnação de uma classe inteira da sociedade, dirige-se o rei vagarosamente para sala do jantar murmurando consigo.

— Vamos ver qual o melhor prato, que hoje preparou-me o Alvarenga.

Era Alvarenga o mestre das cosinhas do paço, o cosinheiro favorito de D. João VI, assim como o Isidoro era seu sapateiro predilecto.

VIII

Terminado o jantar levantou-se o rei da mesa, tomou o seu bástão, ao qual se arrimava, e desceu ao parque para passear. Instantes depois ordenou a um dos semanarios, que o seguiam, que fosse chamar o medico Manoel Luiz e ao religioso do Carmo frei Custodio. Logo que estes chegaram encetou com elles conversação.

Referiu o cirurgião uma anedocta para entreter o monarcha, que sorria satisfeito. Quanto a frei Custodio fertil em ditos agudos, annexins e anedoctas, depois de haver alegrado a todos com a sua conversa variada, disse :

Vou agora, meu senhor, recitar uns versos do desembargador Petra Bittencourt.

Enviando elle um presente de fructas dentro de uma casta de prata, envolvida em uma toalha bordada, ficou o presenteado com tudo.

Desapontado mostrou-se o desembargador, e ao sujeito remetteu a seguinte quadra :

Alma que sahe deste mundo,
Dizem que vai e não vem,
Mas o meu cesto e toalha,
Quem o fez alma tambem.

Riram-se todos, e tambem D. João que, tomando da boceta de rapé, sorveu com satisfação uma pitada.

Mas convém observar que depois de haver apparecido em Pernambuco a revolução republicana raras vezes o rei mostrava-se satisfeito, em geral apresentava-se um pouco taciturno. Esquivava-se á propria familia, e apenas atrahião-lhe cuidados o príncipe real ou uma ou outra filha.

Entrelinha-se o rei nessa palestra quando entrou D. Francisco de Almeida Mello e Castro, conde das Galvéas, que apresentou-lhe uma carta do marquez de Bellas pedindo licença para ir a Portugal cuidar em sua casa e accomodar-se com seus credores.

Tendo lido a carta mostrou-se D. João contrariado por ser o marquez conselheiro de estado, e homem de sua estima e inteira confiança.

Atrahindo ao conde das Galvéas para um dos bancos do jardim disse-lhe o monarcha.

— Pedem-me o marquez licença para ir a Portugal, o que contraria-me nas circumstancias politicas actuaes do reino. Elle não devia requerer agora semelhante cousa.

— Mas vossa magestade por que não lhe nega a licença, reterquio o conde.

— Não, observou D. João, ha cousas que não se devem pedir, mas quando se pedem devem-se conceder (*). Diga-lhe que mande o requerimento a despacho e será attendido.

(*) Palavras textuaes proferidas pelo rei.

— E sem dirigir-se mais ás pessoas com quem ha pouco paléstrava, seguiu para o palácio, onde entrou.

Dias depois compareceu de novo ao gabinete do despacho o ministro Thomaz Antonio, unico membro do ministerio, que se achava em Santa Cruz com o rei. Era elle que expedia todos os negocios, correspondendo-se com seus collegas.

— Ouse lembrar a vossa magestade, ponderou o ministro, que convem vir de Lisboa uma divisão militar tirada do exercito portuguez, para tomar parte na guerra do sul do Brasil. Se as armas brasileiras tem alli sustentado a luta com vantagem e denodo, deve tambem o exercito portuguez participar dos louros dessa campanha.

— Acho justo, não se despertarão assim rivalidades sempre inconvenientes e prejudiciaes, acrescentou D. João.

O rei amava os Brasileiros, procurava promover o engrandecimento do Brasil, e lamentava a rivalidade existente entre Portuguezes e Brasileiros, considerando todos seus subditos.

Mas não pensavam assim os seus conselheiros e fidalgos; quasi todos favoreciam aos seus compatriotas, davam-lhes os bons empregos e propinas e espezinhavam os Brasileiros.

— E quem indica, meu senhor, para ser encarre-

gado da commissão a Portugal, perguntou Thomaz Antonio :

— Julgo apto para isso o marquez de Angeja.

— E' judiciosa semelhante lembrança, assim será afastado esse fidalgo, que esteve filiado á maçonaria. Sorriu-se o rei, e acrescentou.

— Traga o alvará da nomeação para ser assignado.

— E quem ordena para juiz da Inconfidencia, cargo que convem crear para cuidar das sociedades secretas?

— Já reflecti sobre o caso, deve ser o desembargador Albino Fragoso.

— E' muito digno.

— Passe o alvará e apresente-o no primeiro despacho.

— Vou cumprir as ordens de vossa magestade, disse o ministro beijando a mão do rei e retirando-se.

Contente ausentou-se Thomaz Antonio por ver que o monarcha, fóra do seu costume, mostrara-se resolutivo e prompto na resolução das medidas propostas.

Descendo ao primeiro pavimento do paço encontrou-se com o guarda-roupa Mathias Loubato e saudando-o disse-lhe.

— Acabo de estar com el-rei, que mostrou-se hoje alegre e satisfeito.

Talvez por haver recebido agradaveis noticias da capitania de Pernambuco, onde foi suffocado o movimento republicano.

— E' exacto.

— E por esse jubiloso acontecimento mandou el-rei celebrar solenne te-deum na capella deste palacio.

— Assisti ao acto, e mais uma vez apreciei os musicos e cantores da real capella.

— Mas, mudando de assumpto, não quer Sr. ministro jogar o gamão, perguntou o guarda-roupa.

— Vamos.

E tomando Thomaz Antonio o braço do guarda-roupa desapareceram ambos nos longos corredores da residencia real.

Quando se achava no palacio de Santa Cruz recebia D. João a todos, e a todos attendia, conversava affavelmente, dava audiencia em dous dias da semana e recolhendo os requerimentos, que lhe entregavam, passava-os ao camarista, respondendo.

— Fallarei ao ministro.

Ouvia todas as queixas quer contra os ministros quer contra os governadores das capitancias; com paciencia e bondade attendia a todos, e não se alterava com ninguém; apenas sorria quando ouvia disparates.

Entregando-lhe uma velha, em dia de audiencia, um requerimento disse-lhe.

— Falle ao Thomaz Antonio.

— Quem é esse sujeito?

— É o ministro do reino.

— Eu não entendo dessas cousas, é com meu senhor que me quero entender.

— Riu-se D. João, e entregando o requerimento ao camarista, disse á mulher.

— Procure amanhã pelo despacho.

E em tudo foi-lhe favoravel.

Era esse em geral o seu procedimento, tendo quasi sempre palavras benevolas para dirigir a todos, e esperanças para repartir com todos os pretendentes.

A pobresa, que residia no curato de Santa Cruz, logo que tinha noticia da chegada do rei, vinha implorar a sua caridade, e era attendida. Não se esgotava a philantropia do monarcha, nem jamais diminuiam os auxilios de sua bolsa.

Estando em audiéncia, e depois de haver recebido varios requerimentos concernentes uns a assumptos diversos, outros implorando esmolas, viu appproximar-se a infanta Isabel Maria, a quem muito presava, e que acabava de chegar da cidade, chamada por seu pae para estudar e ensaiar uma musica de festividade religiosa.

Beijou a infanta a mão do rei seu pae, que retribuiu-lhe com um beijo na face.

— Venho participar a meu pae que hoje mesmo começarei o estudo da aria, que tenho de cantar na festa da degollação de S. João Baptista, que vossa magestade tenciona celebrar neste seu palacio.

— Muito bem, minha amada filha. E dando por finda a audiéncia, retirou-se o rei offerecendo o braço a infanta, e sendo acompanhado pelo seu camarista effectivo conde de Paraty e guarda roupa Mathias Loubato.

Quer a princeza Maria Thereza, quer a infanta Isabel Maria saham bêm musica e tenham voz harmo

niosa. Cantavam nas serenatas que D. João costumava dar no palacio de S. Christovão, assim tambem era excellente musico o principe real D. Pedro, como é notorio.

Transferido Luiz Prates das prisões da ilha das Cobras para a fortaleza de Santa Cruz alli permaneceu incommunicavel longo tempo. Foi diversas vezes interrogado pelo desembargador Fragoso e acareado com diversas testemunhas. Procedendo-se á rigorosa busca em sua casa apenas encontrou-se, como já vimos, um triangulo maçonico. Não appareceu papel algum escripto, que o compromettesse, ou indicasse a existencia de loja maçonica naquelle domicilio. Foram concordes todos os visinhos em testemunhar o bom procedimento e o modo de vida honesto do honrado cidadão, que cauteloso e firme ao voto, que prestara filiando-se á maçonaria, não fez a menor revelação á auctoridade. Mas apesar disso, e sem haver o juiz lavrado sentença contra elle, foi no fim de algum tempo degradado para Goa, na India.

Soube disso Antonio Gonçalves e mais horrorisado ficou dos mações.

Desde que tivera a conversa com o major Mello, suspeitando logo que tratava-se de sua filha, começou a espreitar-lhe os passos, e receiando-se da beata Quiteria, que ia repetidas vezes á sua casa, procurou não perde-la de vista.

Entrando certo dia a velha em casa d'elle viu cahir-lhe do bolso da saia um papel. Disfarçou e assim que

teve occasião apanhou-o; era uma carta de namoro. Lendo-a ficou possesso, quiz reprehender a filha e prohibir a entrada da velha em sua casa, mas julgou mais acertado usar de prudencia. Na carta repetia Eduardo Maia fervorosas juras de amor a sua amada.

Pensou Antonio Gonçalves que assim como cahira em seu poder essa carta, outras poderia obter, que compromettessem mais ao rapaz, e servissem de prova para ser elle degradado para a India.

Naquelles tempos atrasados, e de governo absoluto, facil era conseguir-se o degredo para a Africa ou para a India de qualquer individuo apontado como desordeiro, malfeito, ladrão, jacobino, vadio, ebrio, desobediente ao rei e ao altar e desencaminhador de moças solteiras, ou mulheres casadas.

Indo ter com sua esposa disse Antonio Gonçalves,

— E' necessario evitar o namoro de Alice com o Eduardo.

— Deixa-te disso, ella é moça e deseja casar-se. Além disso, o rapaz parece ser bom.

— E' o diabo que o carregue, tem contra si a condemnacão da igreja.

— Que diz!

— E' pedreiro livre!

— Santo Nome de Jesus, S. Jeronymo nos acuda, pronunciou Maria benzendo-se.

— Deus Nosso Senhor afaste de nós semelhante homem, acrescentou Gonçalves.

Nesse mesmo instante avistava Alice da janella do

sotão o seu amante, e com os dedos atirava-lhe um beijo casto e innocente, promessa de amor e esperança, signal de constancia e firmeza.

Resolvendo passar algum tempo na fazenda de Santa Cruz, e celebrar allí a festividade da degolação de S. João Baptista quiz o rei houvesse musica nova nessa solemnidade. De semelhante tarefa foram encarregados os dous mestres da real capella Marcos Portugal e José Mauricio. Ambos eram musicos inspirados e magistraes em suas composições; e não agora medir o seu talento e inspiração artistica.

O musico portuguez Marcos Portugal gastou um mez em compor as matinas para a festa, e o padre José Mauricio, artista brasileiro, compoz em quinze dias uma grande missa e credô, que ainda hoje se executam.

Essa luta artistica veio tornar mais vehemente a rivalidade entre os dous notaveis compositores.

Se eram os fidalgos afeiçoados ao seu compatriôta Marcos Portugal, mostrava D. João decidida predileção pelo musico brasileiro. Estimava-o, e em plena corte havia-o condecorado depois de ouvi-lo executar umas variações de piano, tirando da casaca do conde de Villa Nova da Rainha o habito de Christo para pregar-lo com suas proprias mãos na batina do inspirado artista.

E mostrava-se o rei arrebatado sempre que ouvia o musico brasileiro tirar do piano sons harmoniosos.

Neste e em outros factos manifestava D. João os seus sentimentos generosos. Se a corte desmoralisada,

interesseira e prepotente via com rancor e odio o desenvolvimento do Brasil, presava o monarcha portuguez a este paiz, apreciava o seu progresso e amava os Brasileiros; porém fraco, irresoluto, e sem energia moral, tolerava que os seus fidalgos, arrogantes, altivos, ignorantes e presumidos, commettessem injustiças e arbitrariedades; não sabia resistir-lhes, e apezar de rei dispotico, vivia cercado e dominado por elles, que zombando das leis, abusavão e prevaricavam.

Hezitando muitas vezes em fazer aquillo mesmo que no seu entender parecia justo, ouvia esse rei os conselhos de diversos validos sobre o mesmo assumpto, não lhe bastava um só, cada fidalgo era consultado por sua vez, e como era conhecido o character versatil e indicioso desse soberano, procurava a sua côrte embaraça-lo mais, apresentando cada fidalgo opinião contraria á idéa primitiva. Essa tactica trazia o rei atado, irresoluto e sem vontade propria.

Quem não podia alcançar para si o valimento e a confiança do rei procurava desacreditar áquelle, que della estava gosando. Reinava assim no paço uma intriga continua, ignobil e baixa, e sacrificado era o idolo que todos queriam adorar. Como D. João era fraco, dubio e inconstante no seu modo de pensar, de tudo aproveitavam-se os fidalgos para illudi-lo e emmaranhá-lo na marcha governamental. E todos os meios eram licitos embora sacrificassem o paiz, a honra e a dignidade sua e do proprio rei.

Foi em Santa Cruz que Thomaz Antonio fez pela primeira vez prescentir a D. João que não se devia contar por muito tempo com a união do Brasil e Portugal, e insinuou a necessidade de darem-se títulos de nobreza a alguns brasileiros, e admitti-los tambem no ministerio.

— E' uma inepecia semelhante proposta, disse o conde de Paraty ao rei, quando este externou-lhe o pensamento do seu ministro.

— São utopias do Sr. Thomaz Antonio, acrescentou o conde de Magé

— Como não deixou em Portugal extirpe illustre, não duvida enxerta-la com gente de mais ou menos; fallou o conde de Villa-Pouca.

— Dizer que não viverá o Brasil unido por muito tempo a Portugal! Ah é querer vaticinar a sorte das nações, o que só pertence a Deus, sentenciou frei Custodio.

Ouvindo os seus conselheiros o rei sorria e abanava com a cabeça, mas repentinamente fechando o semblante, como costumava fazer quando queria mostrar-se reservado, após ligeiro cumprimento, ausentou-se com passo vagaroso apoiado em seu bastão de jacarandá por estar soffrendo de uma das pernas.

Realisava-se poucos annes depois o vaticinio de Thomaz Antonio, tornando-se o Brasil nação livre e independente.

Informado o rei do pouco tempo que despendeu o padre José Mauricio na composição da missa e credo

para a festa da degollação de S. João Baptista, sabendo certo dia do ensaio da partitura, a que fora assistir, disse ao distincto musico brasileiro.

— Além do seu ordenado de mestre de capella receberá de hoje em diante mais uma pensão paga do meu bolsinho.

Curvou Jcs^o Mauricio o joeiho, e beijou agradecido a regia mão, que o favorecia.

Persistia Francisco da Silva nos seus galanteios com a dama do paço.

Era então numeroso o cortejo de creados e creadás da casa real.

Além dos camaristas, guarda roupas, veadores e creados de diversas denominações e cathogorias, e tambem moços de muitas denominações, classificados segundo suas obrigações, havia as damas de honor, aias, açafatas, creadas particuláres, donas da porta e moças do lavor, do quarto, da camara e outras e mais outras de diversos nomes conforme seus misteres e occupaões.

A dama, que ouvia e aceitava os idylls e finezas do reposteiro da camara, chamava-se Eugenia, era casada, e entre as muitas, que habitavão o paço, era sem duvida uma das mais formosas.

O conde de Valladares, camarista particular do principe D. Pedro, já havia surprehendido o reposteiro Francisco da Silva a beijar a dama querida, e se não revelara semelhante galanteio, fóra para não dar escandalo no paço.

Erão então communs as intrigas, as relações e seducções amorosas na residenciã real. Havia namoro desbragado entre fidalgos e fidalgas, entre creados e

creadas das differentes cathogorias. Reinava alli luta amorosa, vehemente e constante, e não era raro da-rem-se scenas pouco decorosas. De alto vinha o exemplo. Fallava-se do genio leviano, das maneiras desevoltas da rainha Carlota, do despreso que tinha pelo marido, de suas relações illicitas com certos titulares.

Não dedicava-lhe o marido confiança alguma. Murmurava o povo contra os escandalos da casa real, mas muito á puridade, pois, naquelles priscos tempos, não levantava-se impunemente a ponta do véo, que cobria as mazellas das altás classes sociaes, quanto mais da casa de el-rei nosso senhor!

Era Francisco da Silva amante do sexo fraco e inclinado ás aventuras amorosas.

Frequentava a casa de Antonio Gonçalves, e mostrava-se solícito em render finezas á filha do ajudante do almoxarife.

Conversava em certa occasião com o pai de Alice, que dizia-lhe.

— Tenho vontade que minha filha se case.

— E' natural.

— Mas desejava para meu gèuro um moço honesto e de posição social. Sabe que devemos honrar a classe, que occupamos na sociedade.

— E' certo, collega.

— E se encontrasse algum empregado do paço... E Antonio Gonçalves começou a brincar entre os dedos com o pesado sinete, que trazia pendente da grossa corrente do relógio.

— Seria bom, ficaria tudo em casa, como se diz, acrescentou o moço, olhando de soslaio para o velho.

— E o senhor não pensa em casar-se?

— Póde ser, retorquiu Francisco da Silva, relanceando o olhar para o interior da casa, de onde se ouvia a voz da filha de Antonio Gonçalves, a qual entoava uma modinha do tempo, que começava assim:

Os homens querem
Nos enganar,
Mas nós devemos
Acautelar

Os homens querem
Nos illudir,
Mäs nós devemos
Delles fugir.

— Ponita voz tem a sua filha, elogiou Francisco da Silva. Porque não a matricula na aula de musica do padre José Mauricio, na rua das Marrecas, para ouvir algumas lições?

— A menina não pensa agora em dedicar-se ao estudo da musica, quer marido, quer marido, repetiu Gonçalves a sorrir.

O mesmo fez o reposteiro do paço.

Nessa occasião entrou na sala uma escrava, que veio annunciar a hora do jantar.

E forão os dous para a mesa.



Celebrou-se na capella do palacio de Santa Cruz a festa da degollação de S. João Baptista com pompa e grande concurrencia de povo. Houve matinas, missa cantada, sermão e te-deum, e salvas e foguetes do ar em abundancia. Se a musica de Marcos Portugal agradou a todos, impressionou e entusiasmou o auditorio a de José Mauricio.

Pregou na festa e no te-deum o franciscano frei Sampaio, que arrebatou os ouvintes com sua palavra inspirada.

Ao descer do pulpito recebeu verdadeira ovação dos amigos, que applaudirão-n'o e abraçarão pela impressão profunda, que sobre todos causara a eloquencia inspirada do orador.

Mandou o rei chamal-o á tribuna, e em signal de estima offereceu-lhe uma boceta de ouro para rapé. Era a terceira ou quarta, que, em identicas circumstancias, recebia das mãos reais!

Na mesma occasião descião do coro os musicos precedidos dos insignes mestres Marcos Portugal e José Mauricio.

Se o primeiro era festejado pelos fidalgos portuguezes, era o segundo recebido entusiasticamente pelos

Brasileiros encantados dos sons harmoniosos e cadentes da linda partitura exhibida pelo maestro.

Já então era viva a rivalidade entre Brasileiros e Portuguezes, como se previssem ambos, que breve raiaria o dia, em que o Brasil e Portugal serião duas nações diversas.

Chamados á tribuna real ouvirão os dous musicos da bocca do rei palavras lisongeiras.

Durante a festividade foi tal a concurrencia popular, tão atopetada ficou a igreja, que muitos tiverão de retirar-se para o atrio, afim de respirar ar melhor. Francisco do Silva foi um delles, e ao chegar á porta encontrou-se com o marido de Eugenia, o que não deixou de contraria-lo.

— Que calor intenso, disse o marido da dama, o qual tambem era empregado do paço.

— Excessivo, replicou Francisco da Silva.

Atravessava nessa occasião o portão fronteiro ao palacio um boi com seu passo tardio e grave.

— Lá vae o Patricio.

— Quem, perguntou Francisco da Silva.

— O boi Patricio, que veio com outros para fornecimento de bordo, quando a familia real emigrou para o Brasil, e havendo chegado vivo ao Rio de Janeiro orlenou el-rei que o conservassem, e mais tarde mandou abonar-lhe a diaria de quatro centos réis. (*)

— E' aquelle?

(*) E' facto tradicional.

— E'. Conduzia em uma carroça a agua da Carioca para o paço de S. Christovão, mas tendo emmagrecido muito, foi remettido para os pastos desta fazenda.

E' então o Patricio estimado pelo soberano?

— E', tem uma pensão e vive sem trabalho nestes campos.

— Então entre tantos animaes, que habitão estes dominios réaes, é um dos mais aquinhoados!

— Certamente, e talvez hajão aqui individuos, que desejassem a sorte daquelle boi accrescentou o marido de Eugenia.

E os dous rindo-se separaram-se, indo o reposteiro esperar em um dos corredores do palacio a dama, de quem vivia enamorado, pois havendo terminado a festividade, teria ella de recolher-se ao seu aposento.

De feito não esperou muito tempo. Apareceu Eugenia em companhia de outra dama, que, subindo uma das escadas, foi ter ao seu quarto no pavimento superior do paço, deixando-a só.

Vendo o seu apaixonado disse-lhe:

— O senhor aqui! O meu marido está na capella.

— Estive com elle ha pouco, e foi agora passear no pomar.

— Mas pôde voltar.

— Não virá já. E eu estava aqui a espera para cumprimentar a rainha...

Interrompendo-o replicou Eugenia.

— Agora não fallou verdade, porque, como sabe, a

rainha não assistio a festividade, ficou na cidade no seu palacete do largo do Machado.

— Eu queria dizer que desejava saudar a rainha da festa.

— Liçongeiro, e a moça sorrindo, disse ao seu amante.

— Mas sinto passos,ahi vem gente.

Era o creado particular do rei Thomaz Carneiro, com quem encetou ligeira conversação o reposteiro Francisco da Silva, enquanto Eugenia, subindo a primeira escada, que encontrou, recolheu-se ao seu camarim no segundo pavimento do palacio.



Moço, dispondo de dotes physicos, afeiçãoado ao bello sexo, empregado no paço, que naquelles tempos era cousa de grande valia e importancia, desejava Francisco da Silva contar de dia para dia novas aventuras amorosas, no que a fortuna já o havia ajudado assaz.

Começou a fazer repetidas visitas á casa de Antonio Gonçalves para ver se subjugavá o coração de Alice. Já não lhe bastava o amor da dama do paço, queria prender o coração de outra moça, e viver assim completamente envolvido nos liames do amor.

Alice era moça esbelta e trazia mais de um moço embevecido dos seus encantos, e assim queria Francisco da Silva ter a gloria de haver feito tão esplendida conquista amorosa.

Se realizasse seus desejos contaria mais uma victoria, um triumpho mais e blasonaria, como costumava fazer, que era presado por tão linda donzella.

Concedia-lhe Antonio Gonçalves amizade e infirma confiança, da qual estava disposto a abusar, logo que as circumstancias lhe fossem favoráveis.

Se encontrasse firme opposição, vigorosa resistencia á seus projectos de seducção na filha de Antonio Gonçalves, talvez pensasse em casar com ella, no que acreditava não ficaria de máo partido, não só por ser a moça

formosa, como também por ter o pai posição social, e dispor, conforme diziam, de um cabedal de boas dobras de ouro.

As suas repetidas visitas á casa do velho já serviam de thema para as conversas dos vizinhos.

Dizia um tenente do regimento de Bragança, vizinho proximo de Antonio Gonçalves, quando via entrar Francisco da Silva na residencia daquelle.

— Essas visitas repetidas de Francisco da Silva são inconvenientes, não achas minha mulher?

— São prejudiciaes á honra da filha do vizinho.

— Queira Deus não tenha elle de arrepender-se.

— Elles dois são da casa real e lá se entendem.

— E' assim, e não é para que digamos, digna de servir de exemplo a moralidade, que corre no palacio do rei.

— Mas caluda, e elles que continuem a semear tão máos principios.

E ficou o tenente firme no seu posto, por traz da rotula á espreitar a visinhança, cousa que faz muita gente até de mais alta patente. Quanto a mulher continuou a tecer uma renda em almofada de hilros.

Murmuravam outros também sobre o caso, e a seu modo não inventando e propalando cousas não mui favoraveis á honra da donzella.

A maldiciencia é mal antigo e contagioso, t'sna e por fim fere, e vai se estendendo, como esses reptis, que á medida que se arrastam, parece que vão augmentando de comprimento.

Mostrava-se Alice contrariada com a presença do moço, não lhe fazia boa cara, mostrava-se esquivada, fugia-lhe, e raras vezes respondia-lhe ás perguntas e galanteios.

— Hei de attrahil-a pouco a pouco, repetia o seductor.

Afligia-se Eduardo com as visitas do seu rival á casa do ajudante do almoxarife, tornava-se ciumento, repetia cartas amorosas, e duvidava da constancia e fidelidade da donzella. E maldizia-se o pobre moço, e vivia inquieto e desgostoso.

Havendo festividade religiosa e fogo de artifício na igreja do largo da Lapa, convidou Francisco da Silva a familia de Antonio Gonçalves para assistir a esses festejos. Aceito o convite foram todos, tendo o reposteiro do paço a dita de dar o braço a filha do ajudante do almoxarife.

Correu solememente o te-deum, sendo orador o franciscano Monte Alverne, que tão alto elevou a fama do pulpito brasileiro.

Começado o fogo de vistas ia tudo a contento de todos, quando despregando-se uma das rodas que ardia cahiu sobre o povo, produzindo grande alvoroço e confusão. Corriam os espectadores de um para outro lado, as crianças choravam, as mulheres gritavam e tinham ataques, e augmentavam o alarido os assobios e vaias ao fogueteiro.

Julgou Francisco da Silva azada a occasião para por em pratica o plano de afastar-se com a filha de

Antonio Gonçalves. De feito no meio da confusão popular, perdendo de vista os pais de Alice, e simulando querer afastar-se do turvillinho do povo, disse para a donzella.

— Fugamos por aqui.

E dirigindo-se ao becco do Imperio foi ter á rua de Santa Thereza, hoje do Dr. Joaquim Silva.

Mui pouco habitada era essa rua naquelle tempo, especialmente do lado do morro poucas casas tinha, separadas por extensos muros, ou cercas de espinho.

Arredado do lugar do sinistro, e em ponto solitario, disse elle á filha de Gonçalves.

— Estamos aqui livres de qualquer perigo, e em lugar de poder fazer-lhe minhas revelações.

— Mas, senhor, estou longe de meus pais...

— Que receia?

— Não sei, mas convem irmos ao seu encontro.

— Será difficil por ora, pois é immensa a onda popular, e antes peço-lhe que ouça-me.

— Não o attenderei agora, se quizer revelar quaes seus intentos deve faze-lo em presença de meu pai.

— Siga-me e será feliz.

— Jamais. E Alice afastando rapidamente o seu braço do do moço, retrocedeu caminhando apressadamente.

Começou Francisco da Silva a segui-la procurando animal-a e convence-la.

Andavam afflictos os pais de Alice em procurar a desta,

quando encontrando-se com o Eduardo Maia referiram-lhe o que acontecera.

— Vou procura-la, disse Eduardo, e partiu logo.

Percorreu apressadamente as ruas vizinhas, e no momento em que a moça reluctava mais com o repos, teiro, appareceu elle.

— Seus pais procuram-n'a afflictos e cuidadosos, ponderou elle.

— Pois conduza-me aonde elles estão, disse Alice, reanimando-se e tomando o braço do moço.

Retrahindo o seu resentimento, ratorquiu Francisco da Silva.

— Na occasião do borborinho popular perdemos de vista ao Sr. Antonio Gonçalves e sua senhora.

E contrariado foi acompanhando a Eduardô e a filha do ajudante do almoxarife.

Restituida Alice a seus pais mostraram-se estes alegres e satisfeitos, e tal era a confiança, que tributavam ao reposteiro Francisco da Silva, que não causou-lhes o incidente a menor suspeita. Acompanhou Francisco da Silva a familia á casa, e Alice ainda bastante abalada pelo que acontecera, não ousou fazer a menor revelação aos pais, e quanto a Eduardo desapareceu no meio da onda popular.

Referiu o major Mello a Eduardo Maia a conversa, que tivera com Antonio Gonçalves, na igreja da Cruz, relativa ao casamento da filha deste.

Ficou o moço contrariado e pesaroso, mas acrescentou:

— Estão actualmente fechadas as lojas maçônicas e dispersos os socios, e assim não deve o Sr. Gonçalves ter tanto receio dos mações.

— Ponderei-lhe semelhante circumstancia, replicou o major, mas disse-me elle, que continuava o senhor a pertencer a associação.

— E se me compromettesse a deixa-la para sempre!

— Não faça tal, se alistou-se nessa seita, e prestou juramento de conservar-se fiel ás suas leis, para que renegar o seu voto! Não ha motivo para isso. Esqueça antes esse amor, que não lhe póde trazer ventura.

— Não penso assim, e jamais olvidarei esse amor.

— São assim todos os namorados, porque nelles pesa mais o coração do que a cabeça. Mostrão muito sentimento, porém pouco juízo. Julga então mais facil renegar os seus compromissos perante uma grande corporação, do que apagar uma paixão, que para si co meça tão mal!

— Mas procurarei superar todos os obstaculos.

— Bem, permaneça firme no seu amor, seja prudente e reservado, mas conserve-se também unido á maçonaria, filiado a essa sociedade útil e importante.

E os dous amigos forão conversando até a porta da alfandega, que nessa época era na rua 1.ª de Março em frente á do Hospício.

Separarão-se abi entrando Eduardo para a sua repartição.

Apezar de não ter ouvido de Francisco da Silva nenhuma revelação a respeito de casamento, julgou Antonio Gonçalves ser conveniente ir preparando o animo de sua filha em favor desse moço, e assim dizia-lhe elle em certo dia.

— Ainda não pensaste em ter um noivo.

Sorriu-se Alice, e não ousou pronunciar uma palavra.

— Todavia é preciso voltares a tua attenção para um moço conceituado, que sirva, e de posição social e de recursos, que te possa fazer feliz.

— E' assim, meu pai.

— E creio haver um nessas circumstancias.

— Ah, e qual é elle?

— O Francisco da Silva, empregado da casa real, que vem visitar-nos amiudadas vezes, e parece ter por ti decidida inclinação.

— Não sei se serão puras as intenções desse moço, accrescentou Alice, dissimulando o seu ressentimento.

— E' porque não! E' moço honesto.

— Não sei, mas apesar de desejar obedecer-vos em tudo, não quero semelhante homem para marido.

— Não queres, e ousas responder assim a teu pai! Preferes talvez algum pelintra?

— Não senhor, amo a um moço pobre, porém honrado e digno.

— A quem, perguntou Antonio Gonçalves, como se nada soubesse das relações amorosas da filha.

— Ao empregado... E a moça hesitou.

— Dize, falle.

— Ao empregado da alfandega Eduardo Maia.

— Vai-te dahi tolinha. Queres então casar com um endemoninhado e alma de Satanaz!

— Porque falla assim meu pai!

— Pois não sabes que elle pertence á maçonaria!

— E que tem isso? E' uma sociedade como qualquer outra.

— Bonito, e quem te ensinou semelhante doutrina,

— Não dizem que até na casa real ha mações!

— Não te mettas em semelhantes fonduras. E fiques sabendo que com semelhante scelerado não te casarás. Ou aceitas o noivo que te indiquei, ou encerro-te em um convento.

Começou Alice a chorar.

— Empregas em vão as lagrimas, porque não me commóvem. Se não mudares de pensar, faço-te apenas uma concessão, a de escolheres o convento a que tiveres de pertencer, isto é o de Santa Thereza ou o de Nossa Senhora d'Ajuda.

E Antonio Gonçalves retirou-se deixando a filha lavada em pranto.

Nessa occasião ouviu-se junto á porta de entrada da casa uma voz, que repetia :

— Esmola para sua devota.

Abriu a moça a rotula, e ao dar a esmola á pobre disse-lhe esta :

— Aqui tem uma carta do Sr. Eduardo Maia.

— Obrigada, mãe Quiteria, balbuciou Alice.

Fechando o postigo correu Alice para dentro, e leu immediatamente a carta; e reanimarão-n'a logo as expressões apaixonadas dessa missiva de amor.

Essa cartinha, esse papel enfeitado e perfumado, foi para ella de grande conforto naquelle momento de afflicção, entornando-lhe n'alma resignação e esperança.

Além da fazenda de Santa Cruz costumava D. João VI passar também alguns dias do anno na ilha do Governador, onde o abbade beneditino frei João da Madre de Deus mandara edificar um palacete de recreio para o rei e sua familia. Abi entregava-se o velho monarcha aos prazeres da caça, e além dos seus folguedos venatorios, ensaiou em um terreno proximo a cultura do chá.

Acompanhavam-n'o ao passeio da ilha os principes seus filhos, a princeza Maria Thereza ou alguma outra filha, mas a rainha quasi nunca ia.

Logo que chegou ao Rio de Janeiro foi a rainha Carlota residir com as filhas na chacara dos Bastos em Botafogo. Julgando-se mal acomodada foi habitar no Rio Comprido uma casa da rua, que desde então chamou-se da Rainha. Ainda não se achou a seu gosto nessa habitação, e por isso mudou-se para a chacara do commendador Gomes Barroso no Engenho Velho. Residiu também algum tempo na fazenda do Capão pertencente á familia do bispõ Mascarenhas, depois no engenho Merity, que comprou para si, pelo que ficou se chamando da Rainha, nome que ainda conserva. Tratou depois de fazer aquisição de dous predios do largo do Machado, hoje praça Duque de Caxias, e ahí mandou construir um palacete e capella, que mais tarde serviu

de matriz, quando creou-se a freguezia da Gloria. Ahi permaneceu a mulher de D. João VI até ausentar-se para Lisboa.

A custa do Estado fizeram-se obras importantes nesses predios occupados pela volúvel soberana, que jámais mostrou-se solícita em pagar alugueis daquelles, que pertencião á particulares.

Ve-se assim que gostava ella de mudar de residencia, evitando a convivencia do esposo, com quem vivia em constante desharmonia.

Apetecia-lhe estar só e livre, machinando sempre planos e traições, e forjando astucias e seducções.

A rainha Carlota era magra, de pequena estatura e feia. Caprichosa e de genio volúvel, encontrando aberto o erario para satisfazer a todos seus caprichos e extravagancias, vivia afastada do esposo como formando outra côrte, e outro circulo politico. Illudía e machinava contra o proprio marido, que não sabia, ou não podia doma-la.

Havendo resolvido passar alguns dias na ilha do Governador para allí dirigiu-se D. João acompanhado da princeza Maria Thereza, dos principes D. Pedro e D. Miguel e dos fidalgos e creados de sua casa.

Na ilha entretinha-se o rei em caçadas, no cultivo do chá e outras plantas, em palestras com os monges beneditinos, ou entoando com elles o canto chão no que era perito, e assistindo a actos religiosos, cousa a que era mui inclinado.

Tendo chegado á ilha, escreveu, no fim de alguns dias, o seguinte bilhete ao ministro Thomaz Antonio.

« Querendo estar aqui mais alguns dias julgo que me quererá fallar, querendo venha amanhã; deve saber que do desembarque até esta casa é longe, e no caso que venha me dirá para lhe mandar pôr cavallo, e o correio vai authorisado para lhe mandar por as mudas do costume, se lhe disser que as ponha.»

J. C. (*)

J. C., isto é, João Carlos, pois era assim que se assignava D. João quando escrevia as suas missivas particulares.

Logo que recebeu a carta dirigiu-se o ministro para a ilha, e compareceu immediatamente na residencia real.

Trazia inquieto o rei a agitação, que se dera na Hespanha, e prévia, como aconteceu, que se estendesse ao reino portuguez. Aconselhava-o Thomaz Antonio que contentasse ao povo e aos negociantes animando o fabrico do vinho, dos pannos de linho, saragoças ou boreis, que impuzesse tributos sobre o vinho e mais productos estrangeiros, e escolhesse e nomeasse outras auctoridades, que agradassem mais ao povo de Portugal.

Opinavam outros conselheiros, que se transferisse para a Europa a sede do reino, e outros que se enviasse para alli algum membro da familia real.

(*) Authentico.

Preocupavam semelhantes questões aos ministros e conselheiros regios, sendo divergentes os votos e diversos os pareceres.

Se Thomaz Antonio pensava de um modo, reflectia de outro o conde dos Arcos, tinha opinião controversa o conde de Palmella, e assim outros.

Vivia o rei inquieto e afficto com semelhantes questões, e passava horas e horas, encerrado em seu gabinete, lendo officios do ministro inglez e de outros diplomatas, ou os pareceres de seus conselheiros e ministros de estado.

Em quanto preocupavam-se os politicos com semelhantes projectos e planos, procurando resolver as magnas questões, em quanto o rei acillava, mostrava-se dubio e irresoluto, continuava Lanciseo da Silva no seu enlevo de amor e seducção. Se encontrava-se com a dama do paço rendia-lhe sempre finezas, dirigia-lhe um sorriso, ou beijava-a, ou fazia-lhe uma caricia. Persistia em sua paixão, firme e constante, certo talvez de que aquella mulher breve se rendiria a seus afagos.

Avistando-a em uma das salas aproximou-se e disse-lhe.

— Ainda não a tinha visto hoje.

— Estive toda a manhã com a princeza D. Maria Thereza.

— E eu sempre firme como o castiçal da sala da tocha para vel-a passar.

— E' preciso ter prudencia e fallar baixo por que vi el-rei no gabinete proximo.

— Ah, mas eu amo-a tanto. E com fervor beijou-a.

— Eu tambem ó amo.

— Ah repita uma e muitas vezes essas palavras, quero ouvir essa confissão de sua bocca para sentir todo o prazer em minha alma. E tornou a beija-la.

— Senhor.

— Deixe-me abraça-la, unil-a ao meu peito para sentir o seu coração junto do meu.

E no momento em que Francisco da Silva apertava contra o seu peito o seio agitado e protuberante da mulher, que requestava, abriu-se uma porta e appareceu D. João, que surprehendendo-os bradou.

— Que ousadia é essa!

— Perdão meu senhor, murmuraram ambos ao mesmo tempo, que se ajoelhavam e procuravam beijar a mão do monarcha, mas este afastando-se retorquiu.

— Retirem-se para os seus aposentos.

Ambos obedeceram immediatamente.

Contrariado por ter presenciado em seu palacio semelhante scena amorosa, fechou D. João o semblante, e de cabeça baixa caminhou vagarosamente para seu gabinete.

Sabia elle que corria pelo paço muita immoralidade, que eram alli communs entre damas e cavalheiros os galanteios, juras e entrevistas de amôr, que de sua propria esposa murmuravam, censurando a sua vida impudica, os seus modos desenvoltos, mas desejava óstentar toda a moralidade. Commedido em seus actos, reservado em suas acções, pateateando quanto possivel a sua gravidade, exasperava-se quando era informado

de qualquer acção deshonesta occorrida no paço, e mais contrariado ficava quando elle proprio era testemunha de qualquer acto contra o decoro e a decencia.

Nervoso, irritado pelo que presenciara, tocou o rei com força a campainha, que tinha sobre a mesa. Compareceu immediatamente o seu creado particular Thomaz Carneiro.

— Que deseja, meu senhor, perguntou o creado entrando e fazendo profunda cortezia.

— Onde está o guarda-roupa Mathias Loubato.

— Está passeando no jardim.

— Vá chama-lo.

Sahiu o creado depois da competente reverencia.

Vindo o guarda-roupa pediu-lhe o rei o seu chapéo armado, o seu bastão de jacarandá, e disse-lhe.

— Vamos passear.

E em passeio para distrahir-se da contrariedade, que ha pouco experimentara, foi caminhando até o poço d'agua nascente, distante um quarto de hora do convento, e de cuja agua se servia D. João quando se achava na ilha.

Chamava-se a fonte do Carico, e ainda hoje vêem-se as paredes velhas e as ruinas da casa de telha, que cobria semelhante poço.

Pediu ao guarda-roupa que lhe desse um pouco d'agua, e regressou para o palacete.

Durante o passeio não dirigiu o rei uma unica palavra, ao seu guarda-roupa sobre o incidente, que se dera em sua casa, nem este ousou, segundo a etiqueta, fazer a menor pergunta.

Na noite do dia, em que se dera o incidente amoroso presenciado pelo rei, conversavão o reposteiro do paço Francisco da Silva e a dama Eugenia.

— Estamos perdidos, murmurava elle.

— Que desgraça, acrescentava a dama.

— Convem fugir, quando não serei vergonhosamente despedido deste paço, dizia elle.

— Eu vos acompanharei; mas para onde iremos?

— Mandarei apparellhar dous cavallos, que nos levarão ao ponto de embarque, e ahi em qualquer canoa de pescador navegaremos para a cidade.

— E depois?

— Chegados á cidade, irei ás cocheiras do paço, na rua Fresca, e pedirei uma sege, que nos conduzirá á chacara de um amigo, no Cosme Velho.

— E seremos recebidos?

— Com certeza porque esse individuo deve-me favores de muito peso e valia.

— Mas fugirmos da residencia de el-rei, não será isso praticar um escandalo?

— Mas assim talvez procure o rei lançar ao desprezo o acto que presenciou, e se permanecermos aqui virá a pera.

Mostrando-se convencida com este argumento, e

desejando acompanhar o homem que amava, recolheu-se á dama ao seu aposento para preparar-se para a partida, enquanto tratava o reposteiro de mandar apparelhar os cavallos.

Disposto tudo veio elle buscar a amante, e montando a cavallo seguirão os dous para o ponto de embarque. Tomando ahi uma canoa seguirão para a cidade.

Desembarcarão no largo do Paço, hoje praça 15 de Novembro; Francisco da Silva foi buscar a sege, e entrando nella com a sua companheira seguirão para o Cosme Velho.

Chegados á casa indicada desceu elle só, fallou com o amigo, e passados instantes veio buscar a amante, e ambos recolherão-se a um aposento.

— Estamos salvos, disse elle abraçando a Eugenia,

— Assim não decreta el-rei algum castigo contra nós; articulou Eugenia.

— Agora que só o amor nos deve preoccupar para que empanar a nossa felicidade com idéas tristes, disse Francisco da Silva beijando a amante.

Na manhã, seguinte logo que o rei acabou de fazer a barba e vestir-se, referio-lhe o seu creado particular a fuga da dama do paço com o reposteiro.

Mostrou-se o rei admirado, como se nada houvesse presenciado na vespéra entre os dous namorados, mas franzindo repentinamente a testa e fechando o semblante ordenou ao creado, que fosse chamar o ministro Thomaz Antonio, que ainda se achava na ilha.

Algun tempo depois apresentou-se Thomaz Antonio e beijando a mão do monarcha disse-lhe:

— Estou as ordens de vossa magestade.

— Deu-se hontem aqui um facto vergonhoso e improprio desta casa, fallou D. João. Surprendi o reposteiro Francisco da Silva beijando a dama Eugenia, e acabo de saber agora que, seduzindo a dama, fugio com ella hontem á noite deste paço. Elles não podião continuar no serviço desta casa, mas serão simplesmente despedidos, tendo porém o reposteiro tornado publico o seu delicto raptando a dama, resolvi castigal-o severamente. Leve esta minuta e mande lavrar um aviso, que deverá ser remettido ao corregedor do crime da côrte e casa.

— Cumprerei as ordens de vossa magestade. E o ministro sahio depois de haver saudado o rei!

Dous dias depois publicava a *Gazeta do Rio de Janeiro* o aviso seguinte:

« Não devendo ficar impune o desatinio, em que cahio o reposteiro da camara Francisco da Silva de aleivosamente aliciar e raptar a mulher de F. F., é el-rei nosso senhor servido que vossa mercê faça intimar o sobredito reposteiro que não entre mais no paço, e que deve sahir para fora da côrte para a distancia de dez leguas até segunda ordem. O que participo a vossa mercê para que assim o execute. Deus guarde a vossa mercê. (*)

(*) Authentico. Veja a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Era D. João homem probo e justo. Se davão-se em sua casa, em sua cõrte, scenas censuraveis, indecorosas, se lavrava a immoralidade entre alguns dos seus creados e cortesãos, não erão provenientes do procedimento máo do rei.

Homem cordato e bom não desejava fazer mal a ninguem, porém fraco e irresoluto não sabia dissipar os abusos, e raras vezes era prompto e energico em punir os culpados.

Se não tinha energia para corrigir as faltas, os delictos contra a moral praticados por sua esposa, como poderia impedir os actos vergonhosos de sua numerosa creadagem e dos seus orgulhosos e ignorantes validos!

Havendo porém, presenciado aquella scena amorosa em seu palacio, e considerando-a como uma affronta á sua pessoa e á sua dignidade, mostrou-se decidido e expedito na decretação da pena. Tratou immediatamente de infligir o castigo contra o culpado, dando elle próprio a minuta para o aviso, que foi publicado na *Gazeta* dessa época.

Causou grande sensação na cidade a publicação daquelle aviso. Todos lerão-n'o e todos o commentarão; durante dias servio de thema para todas as palestras.

Se uns censuravão a immoralidade que ia pelo paço, outros a corrupção geral dos costumes, louvavão alguns o procedimento moralisador do rei.

Conversando na sacristia da capella real os conegos Januario, tão distincto nas lettras patrias, e Placido Car-

neiro, que occupava o cargo de reitor do Seminario de S. Joaquim, dizia o primeiro.

— Éo facto vergonhoso que deu-se no paço real!

— Meu amigo, o povo não é educado, e estamos no tempo em que se manda transformar um seminario em quartel, redargio o conego Placido.

Referia-se ao seminario de S. Joaquim, que foi extinto, indo aboletar-se no mesmo edificio uma divisão de soldados chegados de Portugal.

— Escolhem para mestres homens ignorantes, re-torquio Januario, os quaes adoptão o pessimo costume de ensinar os meninos á força de pancada.

— Dizem os taes mestres que o ensino deve entrar com o sangue.

— Excellente methodo! Não se recorda daquelle menino aleijado pelos castigos rigorosos do mestre, e que mais tarde viveu esmolando na portaria do convento de Santo Antonio! (*)

— Vio-o alli muitas vezes, era filho do Manoel Luiz.

— Tambem qual será o homem instruido e de bom procedimento, bradou Januario, que sujeitè-se a ensinar meninos pelo mesquinho ordenado annual de cento e vinte mil réis!

— Certamente, pois não chega tão insignificante quantia nem para modesta e parca subsistencia.

Continuavão os dous conegos a sua palestra, quando

(*) Facto verdadeiro occorrido nessa época.

tiverão de interrompe-la despertados pelo dobre do sino annunciando a hora da reza do côro.

Vestindo a sobrepelliz sobre a batina, e tomando o livro de oração collocado sobre o arcaz, encaminharão-se em companhia dos outros sacerdotes para o recinto da igreja.

Ficou estupefacto Antonio Gonçalves lendo o aviso da Gazeta relativo ao reposteiro da camara. Jamais pensou que praticasse esse moço semelhante acção, tal era o conceito vantajoso que d'elle fazia.

— Que escandalo praticado na residencia real por um proprio creado da casa, bradou elle, ao terminar a leitura do aviso.

Se ficou surprehendido lendo aquelle aviso, tambem teve Eduardo Maia certa satisfação. Viu assim demorados e talvez desvanecidos os planos de Antonio Gonçalves sobre o casamento da filha com o reposteiro da camara. Como todos praguejou contra a immoralidade do paço, e riu-se consigo pensando no marido modelo, que o ajudante do almoxarife desejava para a filha.

Mas vivia o moço perplexo e inquieto; amava mas perdia cada dia a esperanza de realisar seu casamento, pois sempre que a moça escrevia-lhe referia-se á opposição que os pais manifestavam ao casamento por ser elle maçon.

Passava Eduardo Maia triste e pensativo pela rua da Quitanda, quando encontrou o pardo Angelo Rondon, soldado reformado do regimento de artilheria.

Era um homem alto e descarnado e tinha falta de dous dedos da mão direita, que perdera na campanha do Rio Grande do Sul. Andava fardado, porem sem

apuro e sem uniforme completo. Usava apenas de farda e bonet, quanto a calça era do molde e cor, que lhe aprazia. Dizidor de conceitos chistosos gabava-se de vaticinar o futuro.

Era um maniaco, um vagabundo das ruas, semelhante a outros muitos, que então existião. Punha os dedos na boca e dando assobios e estalos gritava.

— E' fognetorio.

Applaudia-se a si mesmo, e alegre e pacato era um typo popular estimado por todos.

Apezar de robusto e forte nada fazia, não trabalhava, vagava pela cidade, e vivia vida folgada e inutil. Costumava repetir.

— O que fór meu ás mãos me ha de vir.

Se propunhão dar-lhe qualquer trabalho offerecendo-lhe boa paga, recusava-se dizendo.

— Para que! A quem Deus promette um tostão, de seis vintens não passa por mais que faça.

Preguiçoso e indolente não se occupava com cousa alguma, acreditando, como alguns, que a sorte está escripta, que nasce o destino no berço com o homem, e que de nada valem o esforço e o trabalho.

Não sabia ou não queria lutar com a sorte, vivia na inercia e preguiça, e cooperava o povo para isso dando-lhe esmolas e alimentando a sua indolencia.

Concorria assim para que esse infeliz nada fizesse, e acreditasse que, tendo nascido pobre, pobre teria de morrer.

Encontrando-se com Eduardo Maia, que mostrava-se triste e taciturno, repeliu-lhe o soldado Rondon a seguinte quadra.

Chora, menino, chora
 Va-se embora p'ra Campinas,
 Vá cumprir o seu degredo,
 Quem tem amores tem medo.

— Vae-te Angelo, disse-lhe Eduardo.

Sabia o pardo do amor, que o moço tinha á filha de Antonio Gonçalves, e por isso acrescentou.

— Ora venha cá, quer ouvir o que ha de acontecer com o seu amor.

— Dize lá.

— Agua mole em pedra dura tanto bate até que fura.

— Mas quem ama não pode esperar muito.

— Tenha paciencia, porque quem anda alcança, e quem corre cança.

— Ora não me atormentes com teus adagios. E Eduardo foi se afastando do soldado.

— Olhe, retorquiu Angelo cantarolando.

Querer bem não é bom, não
 Faz a gente enlouquecê,
 Abre feridas por dentro,
 Por fora ninguem as vê.

E la se foi o pobre no seu caminhar sem destino, dando éstalos e assobios, ou cantando versos populares, A garotada chamava-o para ouvi-lo repetir 'annexins ou cantar modinhas em troca de alguns vintens, que elle agradecia fazendo caretas e tregeitos.

Viverão alguns dias Francisco da Silva e Eugenia occultos na casa cercada de denso arvoredado do Cosme Velho.

Apressados, correrão os dias na embriaguez do amor e na expansão da paixão. Mas um amigo do reposteiro da camara remetteu-lhe a Gazeta, onde viera publicado o aviso.

Lendo-o ficou Francisco da Silva succumbido, tremerão-lhe as pernas e inundou-lhe o corpo um suor frio. Repetio a leitura tres ou quatro vezes, e ficou perplexo sem saber o que resolver. Chamou a sua companheira e disse-lhe.

— Lê isto.

Eugenia leu, e commovida perguntou-lhe.

— E agora!

— Devemos sair immediatamente daqui, cumprindo o que el-rei ordena, quando não estarei perdido. Serei ou degradado para a India, ou encerrado em uma fortaleza, na qual morrerei esquecido.

— E para onde iremos!

— Tenho em Itaguahy um amigo que nos guiará, facilitando-nos todos os recursos. Hoje mesmo emprenderemos a viagem, e deste modo cumprirei a ordem do rei.

— Eu te acompanharei para qualquer lugar.

Entrando em preparativos de viagem, partirão os dous amantes nesse mesmo dia, e após dous dias de viagem a cavallo, suportando diversas contrariedades, e máos caminhos, chegarão ao seu destino.

Entregues aos enlevos do amor esquecerão-se logo quer da condemnação do rei, quer das vicissitudes da sorte. Vivão embebidos nos encantos da paixão. Passavam horas e horas abraçados, arrebatados em sonhos de phantasias e esperanças. Tudo encantava-os, tudo cobria-se para elles de uma cor celeste, porque sorriam-lhes a felicidade, afagava-os em seus devaneios, e o anjos parecião entoar-lhes aos ouvidos harmonias cadentes e sonoras. Se Eugénia prendia aos cabellos uma rosa gabava Francisco da Silva o perfume da flor e tambem a belleza das tranças de sua amada. Se tomava um vestido de cor mais viva tecia elogios á cor do vestuario, mas acrescentava que a forma do manequim é que fazia realçar a elegancia da toilette. Se lançava ao redor do pescoço um collar extasiava-se notando-lhe o arfar e o volume dos seios.

Tambem para Eugénia ninguem tinha os cabellos mais sedosos, nem o olhar mais penetrante, nem o sorriso mais seductor do que seu amante.

Se não passear quedavão-se os dous horas e horas á sombra das arvores, e alli inventavão idyllios de amor e repetião palavras amorosas, que só o anjo da felicidade poderia ensinar. Se encontravão algum regato deixavão-se ficar nas margens e beijando-se repetião que o murmuro das aguas occultava o murmuro dos seus

beijos. Se passeavam a cavallo apostavam carreira levando os animaes a toda brida, ou agitando um o seu ginete, seguia o outro atraz, e ao encontrarem-se abraçavão-se e beijavão-se.

Tudo se desvanecera da mente desses dous entes. Ja não se lembravão das pompas, solemnidades, honras e cerimonias da casa real. A sua vida passada era como um sonho, de que se não recordavão. O mundo delles era alli só, não havia mais para elles rei, nem rainha, nem principes e nem cortezãos. Existião só elles dous ou antes só vião, só rendião culto ao amor ingente, que enchia-lhes o coração, trasbordava-lhes o cerebro de idéas alegres, e semeava na estrada de sua vida, flores, prazeres, alegrias e risos.

Correrão assim alguns mezes vivendo envolvidos os dous amantes nas ondas da felicidade, e embalados pelas azas da paixão e do prazer.

Mas foi depois arrefecendo o entusiasmo do amor, e forão elles comprehendendo o mal, que havião feito.

Foi Francisco da Silva o primeiro, que começou a lastimar-se.

— Grande loucura pratiquei em deixar o meu emprego honroso da corte para vir sepultar-me neste retiro.

— Mas não és feliz!

— Sou porque vivo em tua companhia, mas perdi tudo, nome, honras, emprego, consideração, futuro, tudô, tudo.

— Em compensação tens o meu amor.

— Ah, mas as gallas, as grandezas, a pompa do paço!

Elle que até então esquecera-se de sua vida de outr'ora para so cuidar da mulher querida, elle que varrera da idéa todo o passado, por que só lhe bastava o presente, principiava agora a recordar-se das solemnidades, das festas do paço real, das honras, condecorações, titulos e grandezas, que o rei costumava distribuir com mão prodiga pelos seus vassallos. A vida alegre e principesca do palácio despertava-lhe agora

ideias de ambição, e cogitando na posição elevada, a que poderia ter chegado, mostrava-se triste e abatido.

— Que vida temos nós aqui, repetia elle, neste ermo silencioso e triste.

— E o nosso amor!

— Sim foi o amor, ou antes essa vertigem louca, que apoderou-se de mim.

— E já não existe, não é assim!

— Amo-te, porem isso não é viver. Cada dia minguão os nossos recursos, e cada dia vejo-mé mais só e repellido de todos.

— E também eu não desprezei o meu lugar honroso da côrte, o meu marido. Não manchei para sempre o meu nome de mulher honesta. Não abandonei as galas, os prazeres, os passatempos galantes do paço, as minhas relações com as damas e princezas, os meus vestidos ricos, adereços e joias!

— Queres sem duvida fazer-me recriminações; se não dou-te vestidos de valor é porque não tenho dinheiro.

— Nem penso em tal, mas deves ver que tambem fiz pesado sacrificio acompanhando-te.

— Mas não soffreste a condemnação, que cahio sobre mim. Se delinqviste, repetem todos que fui eu o culpado, eu o seductor, eu que deshônrei a casa real commettendo grave desacato.

— Socegue Francisco, talvez mas tarde sejas perdoado, o rei é clemente e bom.

E qual o perdão que eu posso esperar para lavar o meu desatino, e a minha deshonra!

— Ah, a condennação do rei fulminou-me, expoz-me á vergonha, á execração publica.

E o moço levava ás mãos aos cabellos percorrendo o aposento, em que se achava, com passos largos.

— E moralmente não estou eu tambem envolvida nessa lei de condemnação, e não será meu nome todos os dias amaldiçoado por meu marido e por meus paes!

Repetião-se essas scenas, e de dia para dia tornavão-se mais frequentes e acerbas essas lamentações, mais vivas essas recriminações.

E não era só Francisco da Silva que se lastimava, que se exasperava, era tambem Eugenia, quando começou a comprehender que já não era mais amada.

— Ah, na minha idade, dizia ella, na primavera da vida, quando tanto poderia gozar, ostentando os meus encantos, os meus attrativos de mulher formosa em uma numerosa côrte, lisongeada por todos, e ver-me hoje encerrada nesta casa sem divertimentos e sem carinhos!

E a moça vertia sentidas lagrimas recordando-se dos dias felizes, que passara em companhia do marido, no palacio do rei, no camarim das princezas e das infantas, nos aposentos das damas, ostentando os seus vestidos de luxo, as suas joias de brilhantes e topazios.

Quer no coração de um, quer no do outro foi de dia para dia apagando-se o amor, e em vez desse sentimento veio o aborrecimento, veio o tedio.

Francisco e Eugenia já não podião viver juntos. Entre elles havia cada dia exprobações e accusações vehementes. A cada instante um delles lamentava a sua sorte, a cada momento um accusava o outro da sua infelicidade.

Não existindo mais o amor, que os embriagara, e os unira, comprehendião agora a posição vergonhosa e triste em que se achavam. Já não havia aquelle sentimento, que lhes obscurecera a vista, enchera-lhes o coração, e por isso comprehendião a realidade feia e má da sua existencia.

Passavão elles dias e dias sem trocarem uma palavra entre si, e um como que procurava evitar o outro.

Numerando cada um delles as suas alegrias de outr'ora, seus divertimentos, e sua felicidade passada, maldizia o erro, a desgraça, o crime, que pesava-lhe sobre a existencia. Attribuia um ao outro os males, que soffria, e qualquer motivo originava entre os dous uma discussão, contenda ou desavença.

— Não pode continuar isso assim, observava o reposteiro.

— Pois acabe com tudo isso, que o mesmo desejo eu, repetia Eugenia.

— Então tens novos amores, não é assim?

— Não sei.

Qualquer delles sahia a passeio sem convidar o outro, se ia Eugenia para uma casa da vizinhança, ausentava-se Francisco para ponto diverso.

Na mesa do almoço ou do jantar comião sem

trocar uma palavra, e já haviam separado os leitos allegando excessivo calor. Não erão mais dous amantes, nem dous amigos, erão como pessoas indifferentes ou antes rivaes, que vivião sob o mesmo tecto.

Comprehendeu o reposteiro que já não amava a Eugenia, antes aborrecia semelhante mulher, e que tambem ella não tributava-lhe mais nenhum amor.

Assim resolveu deixa-la o mais breve possivel.

Firme nessa idéa, reunio dentro de uma malla alguma roupa, guardou algum dinheiro, e ao amanhecer do dia seguinte sahio de casa, deixando sobre uma mesa o bilhete seguinte.

— Não havendo láço algum que nos una, tendo desaparecido o amor, que um consagrava ao outro, julguei dever retirar-me deixando-te livre para procurares outra vida de mais liberdade e prazer, outro que occupe o teu coração d'onde fui expulso. Eu farei o mesmo

Ao despertar avistou Eugenia o escripto sobre a mesa, leu-o; ficou rebeliosa e sobresaltada por ver-se só e sem recursos. Mas passou depressa a commoção, amarrotou o bilhete, lançou-o ao chão, e sorrindo murmurou.

— Já era tempo, foi melhor assim, tambem já não podíamos mais viver um ao lado do outro. Hei de achar outro, que o substitua. E a moça foi preparar o almoço, entoando uma canção popular.

A Eugenia moça rica de dotes physicos, de olhos seductores e atrahentes, formas esculpturæas, ancas

desenvolvidas, seios exuberantes, e difficilmente contidos pelas barbatanas do collete, não faltarão adoradores.

Começou a ve-la todas as tardes na janella um moço da visinhança, conseguiu depois ser admittido em casa, e algum tempo depois elle cantava victoria.

Corridos alguns mezes ausentarão-se os dous para lugar distante e recondito.

A andorinha, depois de haver feito verão em um ponto, emigrava satisfeita para outro differente.

— Estão desvanecidas as esperanças do casamento de nossa filha com o reposteiro Francisco da Silva, dizia Antonio Gonçalves a sua mulher.

— Depois da acção revoltante por elle praticada no paço real não devemos pensar mais em semelhante homem.

— E como persiste a menina em esposar o Eduardo Maia vou levar por diante o meu projecto de encerra-la em um convento.

— Diz ella que se não casar com o Eduardo Maia, prefere ficar para sempre solteira.

— E não se receia a tolinha de unir o seu destino áquelle renegado!

— Não, e não, repete ella.

— Mas com essa alma de satanaz não se casará ella, prefiro ve-la freira.

— Coitadinha.

— Queres por ventura ve-la antes nos braços daquelle endemoninhado do que na casa de Deus!

— Isso não, se elle é pedreiro livre, como disseste, vá antes ella para um convento; serve-se assim a Deus Nosso Senhor.

Considerava-se relevante serviço prestado ao céo consagrar-se, naquelles tempos idos, um filho á vida religiosa. Violentando a vocação acreditavão os paes al-

cançar o perdão dos seus peccados condemnando os filhos a uma clausura perpetua. Era apanagio de honra e glória ter um filho revestido de batina de padre ou de habito de monge. As vestes religiosas de um membro de uma familia nobilitavão toda a geração, embora o infeliz arrastasse no claustro uma vida inutil e pessima, e amaldiçoasse, em seus momentos de reflexão, aquelles que segregarão-no da sociedade.

— Mas falta-me dinheiro, continuou Antonio Gonçalves, para realizar esse meu intento.

— E porque não fallas, ponderou a mulher, ao compadre Miguel Affonso para que t'o empreste?

Residia o padre Miguel Affonso, padrinho de Alice, na rua do Sabão, hoje do General Camara. Era alto, magro, secco de carnes, olhos vivos e pequeninos, boca regular e nariz adunco. Não sabia á rua, como então era uso, senão de batina, chapéo tricorneo, e trazendo ou um grosso bastão com castão de ouro, ou um chapéo de chuva de panno encarnado. Sacerdote bom e caritativo distribuia diariamente esmolas aos pobres e mensalidades á familias necessitadas. Legou em testamento diversos predios á ordem terceira do Bom Jesus, da qual era irmão, para ser o rendimento delles distribuido annualmente por viúvas e filhas dos irmãos pobres da mesma confraria. E até hoje, e perpetuamente, as moedas legadas por esse piedoso padre, caem no regaço de viúvas pobres, de donzellas, que entre lagrimas de gratidão e supplicas ao céu, recebem a esmola repetindo o nome do seu perpetuo bemfeitor.

Corridos alguns dias dizia Antonio Gonçalves a mulher.

— Lembraste bem, vou procurar o padre Miguel Affonso e fallar-lhe sobre minha pretensão.

E tomando os seus melhores calções, a sua casaca, sapatos com fivellas douradas, chapéo armado e bengalla de castão amarello, dirigio-se á casa do sacerdote.

Expoz-lhe as suas circumstancias e o desejo, que nutria em ver a filha freira do convento da Ajuda.

— Mas terá a menina vocação para a vida da clausura, perguntou o padre.

— Tem, balbuciou Gonçalves mentindo, pois não ousou declarar qual o motivo por que queria encerrar a filha em um convento.

— E' bom reflectir e pensar bem no caso.

— Ella quèr ser religiosa, repetio o velho.

— Não vá sacrificar em vão a sua filha.

— Desejo prestar esse serviço a Deus, Senhor Nosso.

— Aceita Deus os sacrificios espontaneos, a abnegação verdadeira, os actos de contricção pura, mas não agradão-lhe, nem aproveitão aos que praticão, as violencias, as acções, que acarretão remorsos.

— Minha filha servirá a Deus com humildade e resignação.

— Permitta o céo que assim seja. Mas que deseja, quer que falle ao Sr. Bispo ?

— Sim, e venho tambem supplicar outro favor de sua amizade.

— Falle.

— Falta-me dinheiro para certas despezas de pa-
peis e enxoval, e se o compadre me adiantasse qual-
quer quantia...

— Farei tudo que estiver no meu alcance, pois es-
timo a minha afilhada, e desejo concorrer sempre para
obras meritorias.

— Fiado no seu bom coração vim pedir o seu au-
xilio.

— E não lhe ha de faltar, mas indague, perscrute
bem a inclinação de sua filha, que tudo farei em bene-
ficio della.

Beijou Antonio Gonçalves o anel do padre, como
era uso naquelles tempos, e despedio-se agradecido e
satisfeito.



Regressando para casa disse Antonio Gonçalves.

— Fallei com o compadre e...

— E elle prometteu dar o dinheiro, perguntou a mulher interrogando-o.

— Sim, e quevallaria com o Sr. bispo para a menina ser admittida no convento.

Alice que estava em um quarto próximo ouvindo a conversa, ficou afflicta. Horrorisava-a a idéa da clausura, e teve impetos de fugir da casa paterna. Seu pai a ameaçava de faze-la freira, mas não acreditava que semelhante projecto se realizasse com tamanha presteza. Triste, inquieta e lagrimosa recolheu-se ao seu aposento, onde escreveu immediatamente a Eduardó relatando-lhe tudo. Fechada a carta, guardou-a no seio, e veio á janella da rua para ver se passava a velha Quiteria assim de entregar-lhe a carta.

De feito a velha não se fez esperar, assomou na esquina da rua, e a moça chamando-a entregou-lhe a carta.

Vendo que Alice chorava perguntou-lhe :

— Que tem, menina, por que chora assim.

— Quer meu-pae fazer-me freira.

— Socegue, socegue, e tenha fé no céu. Aqui está esta oração a Santo Antonio, reze-a todas as noites, e verá que seu casamento se realizará.

— Quanto a carta será entregue hoje mesmo.

Despedio-se Quiteria de Alice, que encerrou-se em seu quarto, onde entre lagrimas e suspiros leu a oração, que lhe dera a devota.

Erão naquelles tempos mui preconizadas as orações, os hreves, as reliquias. Julgava-se que por esse meio sanava-se tudo. Era tido como bom e infallivel tudo que vinha da igreja. A felicidade era sempre uma d'diva do céu, e a desgraça um castigo. Era considerado quasi sempre milagre o bom acontecimento, e nada se resolvia sem antes pedir-se a intercessão de qualquer santo ou santa da corporação celeste. E se não provinha resultado vantajoso e feliz quer das orações, quer das promessas, braçava o padre, ou o fanatico.

— Foi a falta de fé, que arruinou o caso.

E assim vivia-se, sustentando os padres principios erroneos, fanaticos para extorquir o dinheiro do povo, e conserva-lo manietado ao seu poder e influencia. Conflava-se tudo da providencia, não se empregando o esforço proprio e individual. E desse modo concorria a igreja para o atrazo da civilisação, para a paralyzação do progresso, e do adiantamento social.

Publicado o aviso regio para o corregedor do crime da côrte e casa contra Francisco da Silva tratou o magistrado de dar-lhe prompto cumprimento. Enviou copia do citado aviso ao delinquente, mas este, como vimos, já havia se afastado para lugar distante da côrte, curvando-se á ordem regia.

Tendo abandonado a amante e vendo-se sem recursos, escreveu o reposteiro ao marquez da Villa-Nova da Rainha, com quem entretinha relações intimas, e pedio-lhe intercedesse por elle ao rei.

Esse fidalgo, valido de D. João VI, era por elle estimado, e um daquelles com quem o monarcha mais confienciava nas palestras particulares. Era homem corpulento e bem apeçoado, mas tinha as pernas um pouco inchadas, como Luiz XVIII, e por isso pouco sahia, vivendo constantemente no paço da cidade.

Sabendo que o rei tinha de assistir a uma festividade na capella real foi o marquez esperal-o na sala da Tocha.

Era assim denominada a sala do paço, onde havia um grande tocheiro dourado, como os que usão-se nas igrejas, sustentando uma tocha de cera, que conservava-se accesa dia e noite no palacio, em que se achasse o rei.

Aproximando-se D. João VI com a sua comitiva

correu o marquez ao seu encontro, curvou o joelho, e beijando-lhe a mão disse,

— Venho implorar uma graça de Vossa Magestade.

— Diga o que quer.

— Condemnou Vossa Magestade com toda justiça o reposteiro Francisco da Silva, que commetteu o feio delicto de seduzir uma dama casada; mas desterrado para fóra da cidade vive esse moço na miseria, vendo-se impossibilitado de angariar meios de subsistencia em lugar tão distante e ermo.

— Está sendo punido pelo crime que praticou.

— Sim, real senhor, mas elle ainda é considerado creado da casa real, e por isso não deve passar tão rudes e vergonhosas privações.

— E por que não soube respeitar o paço real e a sua posição?

— Grande foi a sua culpa, real senhor, mas como pae de todos os seus subditos, podia Vossa Magestade permittir que regressasse elle para a cidade.

— E voltasse talvez para o serviço de minha casa, não é assim, interrogou o rei com o olhar carregado.

— Não, meu senhor, mas alliviando-o de parte da pena, isto é ordenando que elle possa regressar á cidade, terá Vossa Magestade facilitado ao desgraçado meios de subsistencia.

— Bem, verei se posso attender ao seu pedido, mas desde já declaro-lhe que semelhante creado não terá mais exercicio no paço real.

— Beijo as mãos de Vossa Magestade.

— Escreverei ao ministro do reino a semelhante respeito.

— Sim, meu senhor, disse o marquez fazendo profunda cortezia ao rei.

Acompanhado do camarista conde de Paraty, do guarda-roupa Loubato, e de outras pessoas da cõrte, atravessou D. João as salas do paço, o passadiço, que unio o antigo palacio dos governadores ao convento dos Carmelitas, trãnsformado em paço real, e chegando á capella tomou assento na tribuna régia aberta na capella mór. Mais tarde chegou a rainha Carlota, e foi sentar-se junto do esposo, indo as damas occupar uma das tribunas do corpo da igreja.

Logo que o rei desapareceu das salas do palacio, recolheu-se o marquez da Villa-Nova da Rainha aos seus aposentos.

Appareceu tres dias depois estampado na Gazeta do Rio de Janeiro o aviso seguinte :

« El-Rei Nosso Senhor é servido ordenar que o seu creado Francisco da Silva, que foi mandado sahir para fora desta cidade, na distancia de dez leguas, possa para ella voltar livremente, conservando-se com tudo, até segunda ordem, a prohibição de entrar no paço.

O que participo a V. Mercê para que assim lhe faça constar e se execute. Sr. Corregedor do crime da cõrte e casa (1).

(1) Veja a Gazeta do Rio desta epocha.

Lendo semelhante aviso ficou Eduardo Maia contrariado, pois talvez se despertassem as intenções de Antonio Gonçalves de casar a filha com o reposteiro. Se commettera este um escandalo publico tivera minoração na pena, e em breve ninguém mais fallaria do delicto, nem do delinquente. Acresce que não havia sido elle rebaixado do cargo, que exercia em palacio, e naquelles tempos era considerado e digno de todas as distincções os individuos empregados na casa real.

Relatara-lhe Alice na carta, que lhe escrevera, a firme resolução do pae em fecha-la em um convento, mas talvez ella ainda o commovesse com as suas lagrimas, ou soubesse resistir-lhe; acresce que poderia elle fallar com o bispo D. José Caetano, e denunciar a violencia, que tencionavão praticar com a infeliz donzella.

Era o douto dicesano D. José Caetano homem firme e consciencioso, e jamais consenteria que, contrangida, violentada pelos paes, professasse essa moça em uma ordem religiosa.

Mas, reflectia Eduardo Maia, o que mais grave lhe parecia era o recente aviso regio, que talvez arrastasse o Antonio Gonçalves a mudar de idéa e projecto, entregando a filha em casamento ao *digno e honrado* reposteiro da casa real!



Contentissimo ficou Antonio Gonçalves lendo o aviso regio na Gazeta do Rio. Vio alliviado da sentença um collega seu na casa real, e de novo veio encantar-lhe a imaginação a idéa de tomar o reposteiro como seu genro. Se praticara um acto indecoroso fora punido, e talvez o fizesse arrastado pelos galanteios da dama, e como extravagancia de rapaz. Sabia elle Gonçalves quaes as seducções, os enredos e conquistas amorosas, que se davão constantemente no paço. Acresce que se o rei permittira ao moço reposteiro o regresso para a cidade era sem duvida por não estar muito irritado contra elle, e nem julga-lo tão culpado como a principio. E se D. João não afastara ainda toda a sua protecção do seu creado, talvez voltasse este ao exercicio do seu cargo no paço real. A commutação da pena fazia crer que o rei ainda se interessava pelo seu reposteiro, e se elle pensava assim, toda a creadagem devia regular-se pela cabeça do seu rei e senhor.

Ainda mais. Disponha o reposteiro da protecção do marquez da Villa-Nova da Rainha, fidalgo de invejada influencia na córte.

Mas tambem pensava Antonio Gonçalves nos gastos, que já fizera para a filha recolher-se ao convento, no que dissera ao padre Miguel Affonso sobre a inclinação da afilhada para a vida mistica. E até ja conversara com

a abbadessa do convento da Ajuda sobre a admissão de sua filha nessa clausura.

Estava assim indeciso no seu modo de resolver, via a filha manifestar opposição em vestir o habito, e via tambem restituído ao seio da sociedade o reposteiro Francisco da Silva, que desprezara a amante, como era publico e notorio, e assim era um genro mesmo ao pintar.

Quanto ao Eduardo Maia obteria elle facilmente, por intermedio do marquez da Villa-Nova da Rainha, que, preso como maçon e conspirador do throno e do altar, fosse recolhido á alguma fortaleza, e dahi degradado para a India. Erão tão faceis naquelles tempos de dominio absoluto essas salutaes providencias em beneficio da Igreja e da pessoa sagrada de el-rei nosso senhor!

E talvez vendo o noivo condemnado a desterro perpetuo aceitasse Alice por marido o reposteiro Francisco da Silva.

Povoavão-lhe o cerebro semelhantes cogitações, quando ouviu Antonio Gonçalves bater á porta da rua. Foi ver quem era e encontrou-se com o padre Miguel Affonso, que comprimentando-o, disse.

- A graça de Deus esteja nesta casa.
- E. comvosco, senhor reverendo.
- Como vae a afilhada?
- Na paz do Senhor.
- Está em casa?

— Não, foi com a mãe ouvir missa na igreja de S. José.

— Pois vim trazer-lhe o que prometti. E tirando do bolso da batina um saquinho de velludo preto entregou-o ao pae de Alice acrescentando.

— E' o dinheiro para a ajuda das despezas, afim de ser minha afilhada contada entre as servas da Senhora do Carmo, como freira no convento da Ajuda.

— Agradeço-lhe meu compadre, e de Deus receberá a recompensa de tão boa acção.

— Cousa diminuta.

— Vou já passar-lhe uma obrigação de semelhante quantia.

— Tem tempo.

— Seja como vossa reverendíssima determinar. Tenciono recolher a menina ao convento em dia de Santo Antonio.

— Deus a faça feliz, e transforme seu véo de freira em aureola de santidade.

— E já fallou ao Sr. bispo ?

— Ainda não, mas breve o farei.

— E desejo tambem que consulte a abbadessa.

— Tudo farei para inicia-la na vida do retiro e amor de Deus, assim tenha ella vocação e fortaleza para suportar as privações e martyrios, que acompanhão o habito religioso.

— Ha de ter.

— Mas não posso demorar-me mais, pois ainda tenho de dizer missa.

Deus o siga.

E separarão-se os dous amigos osculando Antonio Gonçalves com signaes de verdadeira piedade o anel do padre.

— 562 —

Havião se precipitado os acontecimentos políticos. Resolvera D. João VI inopinadamente partir para Portugal, deixar nas mãos do seu filho D. Pedro o governo do Brasil, e mandar eleger deputados ás côrtes de Lisboa.

Installada no edificio da nova praça do Commercio, na rua hoje Primeiro de Março, a assembléa eleitoral, para eleger os deputados ás côrtes de Lisboa, apresentou-se o ouvidor Joaquim José de Queiroz, e procedeu á leitura de decretos, que não erão da competência da assembléa tomar conta delles. Manifestava sémelhante procedimento, que nada entendia do systema representativo constitucional, quer o governo, quer os governados.

Tornou-se a assembléa tumultuaria, arvorou-se em constituinte, e começou a legislar como se fosse assembléa de toda a monarchia. Mas na noite de 21 de abril de 1821 foi dissolvida violentamente por um forte destacamento da divisão portugueza, que dando uma descarga, invadiu a casa á baioneta calada.

Procurarão fugir os eleitores pelas portas, pelas janellas, que deitavão para o mar, porém foi o maior numero repellido pelas baionetas. Perecerão alguns e muitos ficarão feridos.

Fechou-se o edificio, e adiou-se a reunião dos electores.

Convervando sobre este acontecimento politico Fre Sampaio e o capitão-mór Rocha, os quaes terião de tornar-se notaveis na lucta da independencia do Brasil, dizia o frade franciscano.

— E o attentado da praça do Commercio!

— Veio tornar mais profundo o sulco, que separa os Brasileiros dos Portuguezes, objectou o capitão-mór Rocha.

— Não houve nem advertencia, nem intimação previa, e a descarga de mosqueteria foi o annuncio da violencia.

— Foi um crime commettido pelo governo do rei; se a assembléa abusou, o governo foi violento e cruel.

— Mas dizem que o rei foi extranho ao acto.

— Não sei, affirmou Rocha, mas do paço partiu a ordem, e se não foi o rei, foi seu filho D. Pedro o auctor da carnificina.

— E consta que entre as victimas foi encontrado o cadaver de Anselmo da Costa.

— Quem, o denunciante do infeliz Luiz Prates?

— Elle mesmo, morreu varado por uma bala.

— Talvez lá comparecesse como espião do governo!

— Se mais uma vez quiz ser delator, uma bala tapou-lhe a boca.

Nessa occasião atravessou a rua o soldado Rondou entoando o seguinte estribilho.

— Se isto vae como vós vêdes,
Meu compadre Belchior,
Males a males succedem,
Tudo vae de mal a peor.

Rirão-se os dous brasileiros amigos, e logo após
separarão-se.

re-
Sa
ma
no

ho
Er
qu
nh
atr
fog
bri
ade
ver
po

fren
foge

foge
ass
Ant
vers

Determinara Antonio Gonçalves que fosse sua filha recolhida ao convento da Senhora da Ajuda no dia de Santo Antonio, festejando elle na vespera, como costumava com fogueira e fogos de vistas, o santo de seu nome.

Erão naquelles tempos muito usados os festejos em honra de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. Erguião-se fogueiras em quasi todas as ruas da cidade, e queimava-se muito fogo artificial. Os foguetes, rodinhas, buscapés, bombas, pistolas e traques de fogo atropellavão os transeuntes, que se querião fugir das fogueiras, vião-se perseguidos pelos fogos do ar. Era um brinquedo perigoso e fatal, no qual alguns individuos adquirião aleijões, e outros fallecião victimas desse divertimento em ruas estreitas de uma cidade já bastante populosa.

Mandara Antonio Gonçalves armar a fogueira em frente de sua casa, e despendera bastante dinheiro em fogos de vistas.

Entretendo-se com jogos de prendas, queimando fogos artificiaes e saboreando as canas, batatas e carás assados, ao som de vivas a Santo Antonio, determinara Antonio Gonçalves, em companhia da familia e de diversos amigos, passar toda a noite em claro.

Corria alegre o festejo quando aconteceu cahir sobre

o telhado da casa alguns foguetes, que penetrarão no madeiramento e produzirão incendio.

A alegria, a distracção, a que se entregavão todos, concorreu para que não fosse presentido o fogo, que em breve invadiu todo o predio, e era imminente o perigo, quando foi de todos conhecido.

Não existião naquelle tempo no Rio de Janeiro meios regulares de abafar os incendios, que erão por isso sempre fataes. No meio de grande tumulto e desordem corrião os visinhos com vasilhas d'agua, subião outros aos telhados por meio de escadas de mão, gritavão, lastimavão-se, espalhavão-se pelas ruas clamando pelos pretos, que vendião barris d'agua, e sem ordem, sem methodo difficultavão e baralhavão tudo pouco conseguindo. Todos querião mandar, ninguem obedecia, e semelhante desordem facilitava a propagação do fogo.

Apresentavão-se as vezes no lugar do sinistro o intendente de policia e outras auctoridades, mas como não houvesse corpo arrigimentado para semelhante serviço, tinhão de obrigar os transeuntes a officios de bombeiros.

Não erão frequentes os incendios, mas quando se davão devoravão todo predio.

Prestarão os visinhos bons serviços à familia de Antonio Gonçalves na occasião do perigo, e entre aquelles, que mais concorrerão para subjugar o fogo, notou-se um moço, que desde o principio do festejo da noite, aproveitara-se da confusão e entretenimento dos outros,

para trocar palavras de amor e galanteio com a sua amada.

Mas logo que o incendio tomou incremento, foi elle um dos mais denodados em subjugar as chammas. Afrountou diversas vezes o perigo, percorrendo os pontos mais elevados e arriscados, trahalhou de machado, carregou baldes de agua, e empregou esforços inauditos para circumscrever o fogo.

Só restarão do predio as paredes, porque tudo mais as chammas devorarão, ficando os moradores só com a roupa do corpo.

Teve a familia de Antonio Gonçalves de abrigar-se em uma das casas da visinhança.

Durante a confusão de tão grande desastre encontrou-se Eduardo Maia varias vezes com Alice.

— Arden tudo, e ficarão meus paes sem cousa alguma, repetio a moça lagrimosa.

— Até o habito de noviça foi-se, acrescentou Eduardo fitando-a.

— E' certo, o fogo devorou-o.

— E' porque Deus não quer ve-la freira.

— Pensa assim?

— Creio. E quem sabe se este fatal acontecimento não nos será propicio!

— Ah, e meus paes que ficarão na pobreza.

— Se para ama-la tenho o coração, para proteger a seus paes tenho os braços. E Eduardo Maia estreitando a moça em intimo abraço, deu-lhe um ardente beijo,

como desejando testemunhar a sua protecção com essa expansão de amor.

Entretanto não cessava Antonio Gonçalves de repetir.

— Que desgraça, que fatalidade.

— Quem sabe se não foi praga daquelle maldito rapaz Eduardo, retorquiu a mulher.

— Póde ser, visto como é maçom, e irmão portanto de Satanaz.

— Afaste-o Deus de nós todos.

E continuarão os velhos a lastimar-se.



da
ze
Vil
per
att

par
Len
ran
vel
me

ton
sem
fest
lisa
dan
con
com
tom
ami

Tendo abandonado a amante retirou-se Francisco da Silva para a casa de um amigo residente na real fazenda de Santa Cruz. Dalli escreveu ao marquez de Villa-Nova da Rainha pedindo-lhe supplicasse ao rei a permissão de regressar para a cidade. Já vimos que attender D. João ao pedido do velho fidalgo.

Logo que soube que consentira o rei. que voltasse para a cidade, ficou Francisco da Silva contentissimo. Lendo o aviso regio alimentarão-no fagueiras esperanças. Veio immediatamente aboletar-se em casa de um velho creado do paço residente na rua chamada actualmente da Assembléa.

Pensou em pedir em casamento a linda filha de Antonio Gonçalves, que tanto desejava, que se realizasse semelhante enlace, e contraindo esse consorcio manifestar a todos que tencionava seguir conducta moralisada e seria. Mas informado que tudo perdera o ajudante do almoxarife no incendio, que devorou-lhe a casa, considerou que nada adiantaria em recursos pecuniarios com semelhante união. Reflectio que não lhe convinha tomar qualquer resolução sem consultar antes ao seu amigo e protector o marquez de Villa Nova da Rainha.

Escreveu-lhe agradecendo ter obtido a clemencia

do rei a seu favor, e pediu-lhe ditasse os conselhos sobre a norma de vida, que teria de trilhar.

Dedicava o marquez muito estima a este moço, tanto que, propalava-se no paço, que fôra elle seu filho.

Dizia-se que, quando estudante da universidade de Coimbra, apaixonara-se esse fidalgo por uma camponeza, e della tivera um filho. Mais tarde regressando para Lisboa casara-se com uma rica herdeira da casa dos condes de Rezende, esquecendo-se da camponeza e do filho. Corridos annos falleceu a pobre aldeã, e ficou o menino abandonado.

Despertarão-se então os sentimentos de paternidade no coração do fidalgo. Mandou procurar o menino, e sendo encontrado trouxe-o para sua compaphia, educou-o, e matriculou-o em um collegio.

A espada invencível de Napoleão amedrontou a familia de Bragança, que veio foragida buscar asylo no Brasil. Na comitiva regia veio o marquez de Villa-Nova da Rainha, que ja havia collocado o filho entre os creados da casa real. Exercendo o cargo de camarista era desvelado protector de Francisco da Silva, porém jamais declarou-lhe, quem era seu pae.

Recebendo a carta de Francisco da Silva ordenou o marquez, que se achava na quinta de S. Christovão, que preparassem a sua sege, e entrando nella seguiu para a casa do seu protegido.

Ficou lisongeado Francisco da Silva vendo o fidalgo, e favorito do rei, em sua casa, e fazendo-lhe ceremoniosa cortezia agradeceu-lhe a honrosa visita.

— Vim aqui vel-o, porque poderemos conversar mais livremente.

— E desejo muito ouvir a opinião de V. Ex. sobre a conducta, que devo seguir.

— Convem proceder como homem de juizo, esquecendo o seu passado, e procurar honrar o lugar, que ainda occupa, no paço de el-rei.

— Passando um destes dias em frente do paço da cidade, acrescentou Francisco da Silva, e avistando el-rei em uma das janellas, saudei-o curvando o joelho.

— E elle o que fez?

— Retirou-se logo da janella.

— Soube disso, retorquiu o marquez, contou-me o guarda-roupa Loubato.

— Desejava casar-me para que el-rei comprehendesse que tenciono mudar de vida e de procedimento.

— Não pense em tal por ora, seria necessario pedir a permissão de el-rei, e elle agora não a daria.

— Por que?

— Ainda está muito recente o acto indecoroso, que o senhor praticou no paço.

— Mas.

— Espere algum tempo. Caminhão rapidamente os acontecimentos politicos; D. João VI e a real familia devem regressar breve para a Europa.

— E devo tambem embarcar-me na esquadra?

— Não. Fica no Brasil o principe real D. Pedro, que émoço, apaixonado do bello sexo e facilmente desculpará ás travessuras, os actos irreflectidos de um rapaz.

Delle obterá a permissão de voltar ao serviço activo da casa real, se proceder bem, como espero.

— E V. Ex. acompanha el-rei á Lisboa.

— E' meu dever.

— Ficarei assim sem a sua valiosa protecção. E porque não pede ao rei para antes de partir incluir-me no numero dos creados que estão em serviço?

— Não julgo conveniente, pois o Sr. D. João é teimoso, e não me attenderá. Mas hei de deixar quem o proteja na minha ausencia.

E o marquez sensibilisado, e como receioso de expandir-se mais com o seu protegido, abraçou-o, e despedindo-se delle entrou na sege, que o levou para S. Christovão.

Ficou Francisco da Silva perplexo, irresoluto e contrariado. Via que não podia voltar a patria em companhia da familia real, não podia casar-se por talvez ser-lhe negada a competente licença, que talvez tão cedo não fosse admittido no exercicio do seu cargo na residencia real, e ia ausentar-se o poderoso fidalgo, que até então servira-lhe de pae, e tanto o protegera.

Ficava só, isolado, em posição precaria, e entregue aos caprichos de um principe muito moço, arrebatado, extravagante e de genio altivo e irascivel.

Na manhã de 26 de abril de 1821 cortava as aguas da bahia do Rio de Janeiro a esquadra, em que regressavão para Portugal D. João VI e sua familia, excepto o principe D. Pedro, que ficava como regente do Brasil.

Receioso e irritado pelo acto violento da praça do Commercio, praticado pelo governo, vio o povo com indifferença, e talvez com contentamento, a partida desses navios, em que afastavão-se da America o rei, sua mulher, seus filhos, e os fidaigos e numerosos creados do paço, e tambem muitos capitalistas e negociantes portuguezes, formando todos uma comitiva de mais de tres mil pessoas.

Tres dias antes da partida da esquadra conversava na portaria do paço da cidade o marquez de Villa-Nova da Rainha com Francisco da Silva.

— Com bastante pezar, dizia o marquez, retiro-me para Lisboa deixando-o neste paiz, mas já recommendei-o ao conde dos Arcos, que fica como ministro do principe.

— E o rei parte satisfeito ?

— Não ; vae triste por deixar o Brasil, onde viveu treze annos feliz e tranquillo, mas os negocios publicos obrigão-no a partir.

— E irá mais tarde o principe ?

— Creio que não. Esse é moço, agil, ambicioso e

saberá resistir á politica das côrtes de Lisboa, que se atterrou seu pae, não o atemorizará.

— E o Brasil permanecerá unido á Portugal?

— Não julgo tambem provavel, pois está nublado o horizonte politico, salienta-se de dia para dia a rivalidade entre os filhos daqui e os do velho Portugal, e não é possível que, este pequeno paiz, possa reter por muito tempo em suas mãos o grande territorio brasileiro.

E o velho marquez vendo que fóra mais expansivo sobre a politica, do que devera ser, como conselheiro e camarista do rei, abraçou triste e muito saudoso o seu amigo ou antes seu filho despedindo-se.

Na nova phase, que abria-se para o Brasil, surgirão acontecimentos, que alarmarão o espirito publico.

Exaltou os animos dos Brasileiros a politica do congresso portuguez, que pensou em recolonisar o Brasil. Abriu-se no Rio de Janeiro a valvula da imprensa. Mostrou-se ameaçadora e exigente a tropa portugueza; pretendeu apoderar-se da pessoa de D. Pedro, o regente, e fazel-o embarcar a força para Portugal. Tomando armas foi acampar no morro do Castello. Para resistir-lhe reunirão-se os nacionaes, armarão-se, e resolverão pelear com muito valor e muito patriotismo. O campo de Sant'Anna, hoje praça da Republica, transformou-se em campo de guerra do povo e tropa do Brasil, e essa altivez, essa attitudo energica aterrou os soldados portuguezes.

No numero dos Brasileiros alistados entre os defensores da patria estava Eduardo Maia, tenente de milicias, que bons serviços prestou á causa nacional.

Conseguio prender um individuo suspeito, que, envolto em capote de baeta azul e chapéo desabado, procurava perscrutar qual o numero e a posição aguerrida da força brasileira.

Apresentado ao marechal, que commandava a divisão brasileira, foi o espião reconhecido; era João de Avilez, irmão de Jorge de Avilez, general do exercito portuguez. Quiz desculpar-se o criminoso declarando que tomara aquelle trajo para poder penetrar em uma casa, onde entretinha amores secretos. Sentenciou-o o marechal a morte, mas intercedeu por elle o tenente Eduardo Maia, e assim teve o traidor a vida salva. (*)

Havendo escassez de munições e não podendo fornecel-as o arsenal de guerra, por que o respectivo inspector o brigadeiro Raposo bandeou-se com os revoltosos, disfarçou-se Eduardo Maia em aguadeiro, e conduzindo em uma carroça uma pipa vazia, penetrou na praça de guerra, encheu a pipa de munições, e veio salvo e jubiloso entregal-a a seus camaradas, aos defensores, como elle, do pavilhão e da honra nacional. (*)

Coagida a deixar o ponto ameaçador, que tomara, embarcou a divisão portugueza para Nictheroy.

Ainda ahi quiz cerrar fileiras, travar peleja, mas a força nacional, que, transpando a bahia, foi fazer-lhe frente, a posição estrategica dos navios, e a attitude

(*) E' facto tradicional referido por pessoas do tempo.

(*) Tambem é facto tradicional referido em algumas chrônicas d' época.

decidida e energica do regente, forçarão os batalhões portuguezes a recolher-se aos navios, que levarão-os para a Europa.

Os feitos guerreiros, o civismo e a coragem de Eduardo Maia na lucta pela patria tinhão-no tornado saliente entre os fortes, e era seu nome repetido com louvor.

Ouvira Antonio Gonçalves mencionar as façanhas do moço, e convencido dos ingentes esforços e da solicitude, que empregara para abafar o incendio, que, como vimos, consumio todo o predio, em que residira, começou a dedicar ao valente e denodado militar viva sympathia.

Indo de passeio com a familia e encontrando-o junto de um posto de guarda, disse-lhe o velho jubiloso.

— Sei, Sr. Eduardo Maia, que bastante tem batalhado pela causa santa da patria.

— Pouco tenho feito, respondeu Eduardo.

— Muito, replicou Alice, lançando sobre o mancebo um olhar fixo e ardente, como desejando dizer-lhe!

— Amo-te.

Designado para ficar ao serviço do príncipe D. Pedro, na categoria de almoxarife do paço da cidade, não acompanhou Antonio Gonçalves o rei á Lisboa.

Empossado do novo emprego veio residir no pavimento terreo do palacio, e mostrou-se desde então muito grato e dedicado ao regente, que dera-lhe graduação maior entre os creados de sua casa. Não perdia occasião de elogiá-lo. e, apesar de ser portuguez, achava bom tudo, que o príncipe resolvia em prol do Brasil.

Antes de partir para a Europa mandou o marquez de Villa-Nova da Rainha entregar ao seu protegido Francisco da Silva uma bolsa cheia de moedas de ouro, e tambe[m] uma carta de despedida com salutaes e paternaes conselhos.

Mas apesar disso não seguiu direcção inversa da que costumara seguir, persistiu em aventuras amorosas; todavia levado do desejo de voltar ao serviço activo do paço, determinou atar ao rosto a mascara da decencia e simulação, e affectar sentimentos, idéas e conceitos de homem sisudo e circumspecto.

Ponderosos motivos levarão-no a proceder assim. Sabia que seria privado da protecção do marquez se não fosse sensato e correcto o seu procedimento, e era preciso passar por homem de boa organização moral, de

austeridade de principios para alcançar a protecção dos amigos, afim de regressar a vida activa do paço.

Apparentando integridade, que não tinha, conseguiu o seu fim. O seu novo patrono conde dos Arcos interessou-se por elle ao principe regente.

Moço de character libidinoso, expansivo, alegre, inclinado a conquistas amorosas, facilmente esqueceu D. Pedro a fraqueza, a falta commettida pelo antigo creado de seu pae, e ordenou fosse elle reintegrado no exercicio do cargo. Voltou Francisco da Silva ás salas, ás grandezas, ás festas, ao luxo do paço. Vestiu a sua farda galgada e achou-se bonito, e o que é mais, homem de importancia e valia.

Extravagante e dissoluto soube insinuar-se no animo do principe, angariou a sua confiança e a sua estima, tornou-se dedicado, servil ao extremo, e comprehendendo que era sua indole semelhante a do seu senhor, acompanhou-o em todas as acções de libertinagem, e lisongeou-o em todos os actos de devassidão.

D. Pedro sensualista e prodigo, entregue a seus instinctos e as suas paixões, necessitava de confidentes, que desprezando os dictames da moral, o acompanhasssem em suas extravagancias e desvarios de mancebo; dispunha de favoritos, que tanto mais subião nas honras, quanto mais hajulavão e sujeitavão-se aos caprichos do soberano. Francisco da Silva, conhecido pela alcunha popular de Chalaça, achou-se logo atesta desses validos do monarcha, e por isso, de simples creado, foi rapidamente subindo em honras e em postos; foi no-

meado ajudante da guarda de honra, secretario privado, e tanta ascendencia ganhou no animo do seu grande protector, que decidida influencia chegou a obter na politica geral da nação.

Depois da partida do rei para Lisboa, do insolito ataque contra a assembléa reunida no edificio da praça do Commercio, exarcebou-se a rivalidade entre brasileiros e portuguezes. Affrontosos epithetos dirigião uns aos outros; se os portuguezes chamavão os brasileiros de cabras, appellidavão-os estes de pés de chumbo, e qualquer incidente originava uma questão, um conflicto mais ou menos grave entre os dous povos.

Tendo desertado diversos soldados da divisão portugueza revoltada, forão incorporados aos batalhões brasileiros.

Aconteceu que, atravessando alguns desses soldados portuguezes a praça hoje denominada Quinze de Novembro, forão provocados por soldados brasileiros.

Armou-se entre os dous grupos viva contenda, que terminou em renhida lucta. Tomou o facto character grave, e tanto que requisitou-se força do quartel do Campo. Veio para abafar o motim o tenente Eduardo Maia commandando uma companhia. Travou-se peleja entre os grupos das duas nacionalidades, e após forte tiroteio de fogo forão repellidos os portuguezes, ficando mortos dous e feridos alguns. Da força brasileira ficaram feridos diversos, entre outros o tenente Eduardo Maia.

Espalhou-se pela cidade a noticia do motim, que

assustou o povo, e obrigou muitos negociantes a fecharem as portas dos negocios.

Logo que cessarão os tiros e terminou a lucta, sahio Antonio Gonçalves de casa, e foi saber o que occorrera. Atravessava a praça, quando viu uma padiola carregada por quatro soldados. Desejou ser informado e perguntou-lhes.

— Camaradas quem vae ahi?

— E' o tenente Eduardo Maia, que recebeu grave ferimento, responderão as praças.

— Ah! o valente moço, que tão forte e corajoso se tem mostrado na defesa nacional! Infeliz.

E o velho afastou-se summamente commovido.

Chamava-se Affonso o novo amante de Eugenia. Era moço esbelto e desempenado. Filho de um fazendeiro rico de S. Paulo, dispunha de dinheiro sufficiente para conquistar os amores de mulheres faceis.

Affonso conduziu Eugenia para uma casa de campo na Tijuca; e ahi passarão ambos uma existencia de amor, ou antes de prazer e volupia.

Sentados ou deitados debaixo de frondosas arvores, vião correr as horas em scenas de amor e luxuria.

Se elle era libidinoso, ella era ardente e fogosa. Esgotavão a existencia nessa orgia seusual e quotidiana.

Quizerão por fim mudar de scenario, e resolverão vir para a cidade, aboletando-se em uma casa da praia de Botafogo.

Theatros, bailes, passeios, carros, cavallos, tudo teve a amante do mancebo rico, e alegres corrião-lhe os dias, vivendo no luxo e na lascivia.

Contavão os dous as horas pelos beijos, ou antes pelos prazeres, que fruião. Vivião nas ancias da paixão, em uma verdadeira embriaguez de gosos e dilicias.

Mas tudo cança e fatiga. Como já não bastassem para passar as horas a belleza e encantos de Eugenia, procurou Affonso outra distracção; entregou-se ao jogo.

Se de dia vivia envolvido nos braços da sereia, ia de noite consumir no jogo o tempo e o dinheiro.

Começou Eugenia a extranhar a ausencia do amante, a sentir-se só; e se a principio lastimou-se e chorou, foi depois reconhecendo que Affonso já não lhe satisfazia, não sabia cumprir a sua missão de homem apaixonado, e por isso procurou descobrir outro, que melhor o substituísse.

Tambem Affonso já sentia-se fatigado, e não-lhe restando os recursos colhidos na casa paterna.

Apesar da vida extravagante, inebriante de prazer, que levava Eugenia, ostentava-se ainda esplendida a sua belleza. Era rosa, que apesar de lhe terem experimentado muito o perfume, ainda conservava o encanto da côr e a contextura brilhante das petalas. Era mulher seductora e provocadora.

Attrahiu depressa ao seu dominio um negociante rico.

Por sua vez notou Affonso certa frieza nessa mulher de fogo, que subera subjugal-o. Já não havia tantos carinhos em seus afagos, nem tantas dilicias em suas ancias de prazer. Elle tambem foi pouco a pouco se retrahindo. Acrece que recebera do pae uma carta, chamando-o á fazenda, pois já era avultada a somma de dinheiro, que esbanjara no Rio de Janeiro com os seus prazeres.

Determinou partir, mas não sabia qual o meio de desenvincilhar-se da aspide, em que se achava enroscado.

Correu assim algum tempo sem o moço atinar qual a melhor resolução a seguir, porém voltando uma noite, já bem tarde do jogo, ao entrar em casa, não encontrou Eugenia.

Procurou-a em todos os aposentos, chamou-a, mas em vão, ella havia desaparecido.

— Foi-se, murmurou Affonso, e foi melhor assim, livrou-me do embaraço em que vivia, desejando-lhe dizer que ia ausentar-me, ou mandal-a sair desta casa.

Preparou no dia seguinte as suas malas, dispoz a viagem, e dahi ha dous ou tres dias, estava de volta á casa paterna, esperando encher de novo a carteira para conquistar outra amante, que viesse occupar o lugar da que tinha fugido.

Ficara penalizado Antonio Gonçalves sabendo do grave ferimento de Eduardo Maia, e para não causar profunda magoa a sua filha, que vivia triste e abatida, nada referiu-lhe sobre semelhante accidente.

Os feitos do distincto moço em defesa da patria, que erguia-se livre e independente, que surgia como nação entre outras nações, havião-no tornado bemquisto e elogiado por todos, e era Antonio Gonçalves um dos entusiastas do destimido mancebo.

Além disso estavam extinctas as aspirações, que acaletara de ter como genro Francisco da Silva. Subira este na escala social, era vulto proeminente no paço imperial, e certamente se pensasse em casar-se, iria buscar alguma dama das mais distinctas da sociedade fluminense.

Quanto ao fazer da filha uma freira, era ideia, que já desprezara, não só por que considerara, como aviso do céu ou antes castigo, o incendio de sua casa na vespera de Alice receber o habito monachal, como tambem porque informado o padre Miguel Affonso da violencia, que ia-se praticar contra aquella moça, retirara a sua protecção, e ameaçara revelar ao bispo a crueldade, que se tencionava fazer, clausurando uma don-

zella, para não deixal-a casar com quem pedia-lhe o coração.

Entretanto fiel e dedicado conservava-se Eduardo Maia ao seu amor, e nos dias de lucta da nação, procedera como um forte, como homem dotado de todas as energias.

Era assim esse moço, quem convinha para noivo de sua filha, cogitava comsigo Antonio Gonçalves.

Recolhido ao hospital militar foi considerado grave o ferimento de Eduardô, e por muitos dias guardou o leito, sobrevivendo-lhe hemorragias, febre e dores cruciantes. Mas depois de longo tratamento foi debellado o mal, e o doente restabeleceu-se.

Mais de uma vez fora visital-o Antonio Gonçalves, e tendo o moço alta do hospital por estar inteiramente são, foi Antonio Gonçalves ter com elle, e fallou-lhe no casamento com a sua filha.

Aceitou Eduardo Maia com grande effusão de contentamento.

Encheu-se tambem de alegria o coração de Alice, quando soube da permissão de seu pae; abraçou-o, e lançou-lhe um olhar de tanta gratidão e contentamento, que elle leu em seus olhos a felicidade, que lhe inundava a alma.

Decorrido pouco mais de um mez, celebrou-se na igreja de S. José, o acto religioso unindo os noivos Eduardo Maia e Alice.

Ao sahir do templo avistou a moça a velha Quiteria, que disse-lhe baixinho.

— Foi milagrosa a oração a Santo Antonio.

Alice sorriu-se, e Eduardo, tirando do bolso uma moeda, deixou cair entre as mãos mirradas da velha.

Ao entrar em casa disse Eduardo Maia abraçando a sogra.

— Ainda têm medo dos mações?

— Já não tenho tanto, respondeu a velha, e batendo-lhe no hombro, acrescentou, especialmente deste, por que terá sempre junto de si um anjo.

E Eugénia !

Viveu algum tempo com o terceiro amante, mas no fim de alguns mezes deixou-o para receber outro. Despresada por este, aceitou mais um, mais dous, mais tres, nem sei quantos, por que por ultimo era o numero das notas da carteira do visitante, que fazia-lhe abrir a porta da casa.

Quando sahia á rua usava de luxo excessivo ; trajava vestido de seda ou de veludo, ornavao-lhe o pescoço grossos cordões de ouro, como então se usava, e os braços ricos braceletes de brilhantes.

Dirigindo-se um dia o distincto franciscano Monte Alverne para o seu convento em companhia do negociante Insua, synodo do Seminario de S. Joaquim, que havia sido restabelecido por ordem de D. Pedro, viu passar uma mulher ricamente vestida.

Ainda nesse tempo conservava o notavel orador sagrado Monte Alverne a luz dos olhos, que trinta annos depois perdeu, ficando porém intacta a grande luz, que illuminava-lhe o cerebro.

— Conhece aquella mulher. perguntou Insua ao illustre franciscano.

— Não, respondeu este.

— E' a dama, que no tempo de D. João VI, fugiu do paço em companhia de um reposteiro.

— Ah, recordo-me pelo aviso então estampado na *Gazeta do Rio*. E agora é talvez uma mulher mundana.

— Presumo que sim, e por isso procura attrahir a attenção publica com o brilho de suas joias e o farfalhar da seda do seu vestido.

— E' a devassidão ostentando a sua grandeza.

— E' certo, o vicio excitando os vicios.

— Infeliz, caminhará vestindo galas até cair coberta de lepra no leito de um hospital, ponderou Monte Alverne.

E o eminente franciscano despedio-se do amigo.

Nessa occasião lançando Eugenia um olhar malicioso sobre o negociante e sobre o frade sorriu-se, e continuou no seu passeio, exhibindo a sua belleza, que ainda não era pouca, e o seu luxo, que então era muito.

FIM

EXTRACTO DO CATALOGO
 DAS EDIÇÕES DA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO & C.
 33 RUA DA URUGUAYANA 33

AMOR pelos cabelos, scena comica.....	\$300
CANTOS do fim do seculo por Sylvio Romero, 1 vol.....	14000
CONFERENCIA do Dr. Vicente de Souza — O Imperio e a es- cravidão—, 1 vol.....	8500
CODIGO dos Jesuitas, contendo a monita secreta desta ce- lebre sociedade, 1 vol.....	\$500
DOCEIRA Domestica (a) ou collecção de receitas, pela maior parte novas, de doces, podins, tortas, conservas, pasteis, licores, etc., por D. Anna Corrêa, 3ª edição, 1 vol....	33000
FESTA (a) e a Caridade e Doida de Albano (poesias) 1 vol.	\$300
HISTORIA de um marinheiro, seguida da canção do ma- rujo, scena comica, 1 vol.....	8300
JUDIA (a) Noivado do Sepulchro (recitativos) 1 vol.....	\$300
LIVRO dos sonhos com a explicação, 1 vol. Ed. completa.	18000
LYRA do Trovador /modinhas e recitativos 1 vol.....	18000
MEMORIA sobre o emprego do sulphato de Quinino, pelo Dr. João Francisco de Souza, 1 vol.....	8600
COZINHEIRO MODERNO, contendo uma collecção de mais de 1,500 receitas usuaes, facéis e economicas, 1 vol....	43000
ORADOR MODERNO ou thesouro de discursos familiares, 1 vol.	13000
SILVEIRA CALLADO, collecção de artigos de propaganda republicana, 1 vol.....	8500
SOUZA REGO, Dicciónario do Doceiro Brasileiro, contendo milhares de receitas pela maior parte novas, 1 gr. vol..	48000
DIAS DA SILVA, Thesouro da Mãe de Familia, em conselhos e receitas uteis, 1 vol.....	28000
SERGES Fluminenses, a melhor collecção de recitativos mo- dernos até hoje publicada, 4ª edição, 1 vol.....	18000
TROVADOR Brasileiro (modinhas, etc.), 1 vol.....	\$500
FIGUEIREDO PIMENTEL, Historias de Fadas, 1 vol. ricam- mente enc.....	38000
JULIO RIBEIRO, A Carne, 1 vol.....	38000
ALENCAR (José de) Diva, 7 vol.....	18000
ALENCAR (José de), Iracema.....	18000
CAMILO CASTELLO BRANCO, Caveira da Martyr, 3 vol.....	48000

